

## O livro na composição simbólica dos espaços contemporâneos

O “olho” é um produto da história reproduzido pela educação. Eis o que se passa em relação ao modo de percepção artística que se impõe, atualmente, como legítima, ou seja, a disposição estética como capacidade de considerar em si mesmas e por elas mesmas, em sua forma e não em sua função, não só as obras designadas por essa apreensão, isto é, as obras de arte legítimas, mas todas as coisas do mundo, tanto as obras culturais que ainda não foram consagradas – como em determinado momento, as artes primitivas ou, hoje em dia, a fotografia popular ou o kitsch -, quanto os objetos naturais. (Bourdieu).

Pretende-se investigar, no conteúdo destas páginas, as apropriações do livro a partir da observação dos ambientes contemporâneos, espaços “não sacralizados” aos quais esteve por diversos momentos associado no estudo realizado. Composto por três momentos, o capítulo se inicia com uma breve contextualização e apresentação do estudo proposto, com destaque aos valores sociais envolvidos nas relações com o objeto na decoração, caminha no sentido de revelar a distinção entre duas atuações particulares, observadas na prática da pesquisa, e ilustradas, respectivamente, nos discursos dos leitores e dos arquitetos entrevistados - material que produziu o substrato da reflexão subsequente, quando a intenção foi validar essas interpretações anteriores, fruindo-se das revelações do campo “oficial” da decoração. As análises produzidas através das visitas às edições de 2011 e 2012 da *Casa Cor Rio* – um dos maiores eventos de decoração da América Latina – compõem, portanto, o terceiro e último momento, suscitando ainda novas reflexões. Na intenção de revelar os aspectos práticos mais fundamentais no tocante à utilização do objeto nessa esfera social, foram constantemente acessados, visitados (e revisitados), durante todo o período da pesquisa, eventos decorativos, livros, sites e blogs que atualizam as tendências deste referido campo.

Torna-se aqui pertinente sublinhar o fato de estarmos, agora, assumindo no desenvolvimento das reflexões, neste momento específico do estudo, o conceito de *representação* sustentado por Goffman (1989), uma vez constituir também orientação deste capítulo o exame do livro como elemento *performático* (Goffman, 1989), apresentando-o, portanto, como veículo de informação, expressão e “impressão de realidade” que o sujeito, em interação, alimenta (ou pretende alimentar) no desempenho de seu papel social, de forma natural ou manipulada. Observar a decoração nos permite, de todo modo, estar frente a um dos principais aspectos cênicos, ou “conjunto de equipamentos expressivos”

(Goffman, 1989), de manutenção dessas máscaras sociais. O cenário e a fachada pessoal<sup>1</sup>, segundo Goffman (1989), constituem, ambos, expressivos veículos de transmissão de sinais, sejam eles fixos ou transitórios, contribuindo para que revelemos inferências e informações de nós ao outro, permitindo-nos até manipulá-las de acordo com a impressão que desejamos causar. Assim sendo, também devemos considerar, nos casos agora estudados, as práticas de “falsificação” do *self*, uma vez que buscando a idealização de si na socialização, os sujeitos, por meio de “equipamentos adequados” e dramatização, manipulam aspectos pessoais, para obter êxito na transmissão de desempenhos ideais (Goffman, 1989).

Se um indivíduo tem de dar expressão a padrões ideais na representação, então terá de abandonar ou esconder ações que não sejam compatíveis com eles... As mesmas mulheres podem deixar na mesa da sala (donas de casa da classe média) o *Saturday Evening Post*, mas guardar um exemplar do *True Romance* (“A arrumadeira deve ter deixado isto por aí”), oculto no quarto de dormir. (Goffman, 1989, p. 46).

Trazendo, portanto, esta discussão ao contexto da pesquisa, observaremos que os livros, enquanto símbolos da condição de intelectual, participam, involuntariamente, de relações “leais” e “desleais” entre representação e realidade. De todo modo, no trecho selecionado, Goffman (1989) cita uma passagem do romance *A contest ladies*, de Willard Waller, para ilustrar a manipulação da impressão “por sinais não-verbais”:

Mas, em todo caso, ele cuidou de evitar o olhar de quem quer que fosse. Antes de tudo tinha de deixar claro àqueles potenciais companheiros de férias que não lhe interessavam absolutamente. Olhou por entre eles, em torno deles, acima deles, com os olhos perdidos no espaço. [...]. Mas era hora de dar uma pequena mostra, a do Preedy Ideal. Com gestos esquivos deu, a quem quisesse olhar, a oportunidade de ver o título de seu livro, uma tradução espanhola de Homero, clássico, portanto, mas não audacioso nem cosmopolita, e então juntou com esmero seu roupão de praia e a sacola num monte, protegendo-se da areia (Preedy Metódico e Sensato); levantou-se vagarosamente para espreguiçar seu enorme corpo à vontade (Preedy Felino) e jogou para o lado as sandálias (Preedy afinal Despreocupado). (Goffman, 1989, p. 14).

Sendo assim, a partir de qual perspectiva devemos iniciar a reflexão acerca do valor do livro na decoração contemporânea? Em primeiro lugar, deve-se acentuar e lembrar que o livro carrega “significados culturais cristalizados”

---

<sup>1</sup> Leia-se, entre outros aspectos, os padrões de linguagem, o vestuário, o sexo, a idade e a atitude.

(Barbosa e Campbell, 2006) que o acompanham independente do contexto e ocasião nos quais vem sendo apropriado. Depois, deve-se observá-lo, sobretudo, como artefato cultural que carrega valores sociais nobres como sofisticação, elegância, intelectualidade e esperança, desde a Idade Média (Cânfora, 2003) - expectativas que envolvem o objeto, perduram e avançam por novos meios sociais. Marcado culturalmente ainda como “obra legítima” da cultura, da tradição, do conhecimento e da informação, seu consumo, de todo modo, identifica aqueles “que aprenderam [minimamente] a reconhecer os signos do admirável”<sup>2</sup>, ainda que este reconhecimento esteja eventualmente restrito à contemplação de sua forma material. Na decoração contemporânea, a apropriação dos bens passa por esta questão essencialmente estética, que estimula o desenvolvimento de releituras e novas construções, via objetos preexistentes, sem, contudo, intensificar e incentivar contatos reais e efetivos com os elementos dispostos esteticamente. Na maior parte dos casos, a relação limita-se à dimensão externa dos bens - a força estética pela qual será prioritariamente consumido (FIG.31).



Figura 31 – Releituras de objetos e definição da tendência

Para Bourdieu (2011), é através de um consumo “legítimo” desta ordem - inovador e transformador do objeto - que as distinções de classe podem ser

<sup>2</sup> Frase de Bourdieu (2011), quando o autor analisa a obra de arte. A expressão “minimamente” foi acrescentada pela autora desta dissertação para desenvolver o pensamento de que, mesmo aqueles que não percebem a leitura, o livro, a cultura e o conhecimento como práticas habituais, reconhecem a admiração social do objeto e a importância e a validade do exercício da leitura.

traduzidas de forma bastante pontual <sup>3</sup>. Embora estas linhas não sejam o local apropriado para discussões dessa natureza – essa, definitivamente, não é uma questão da pesquisa –, a título de curiosidade, parece válido ressaltar que, na pesquisa quantitativa <sup>4</sup>, realizada como fonte de validação de questões pertinentes ao estudo, sem qualquer pretensão de ser representativa da sociedade como um todo, os entrevistados pertencentes às classes “C, D e E”, de fato, não indicaram a apropriação de livros para fins que transcendessem a função primordial. Esse contato com o objeto se refletiu ainda nos respectivos ambientes domésticos, nos quais a função decorativa do livro não foi detectada, ou seja, não havia exemplares atuando como ornamento nem tampouco como elemento para evidenciar traços de identidade e personalidade. O valor da informação e a importância atribuída ao conteúdo e ao conhecimento que dele provém ainda embarracam, nestes casos, o lado estético do objeto. Bourdieu (2011) observa:

Nada há o que distinga tão rigorosamente as diferentes classes quanto à disposição objetivamente exigida pelo consumo legítimo das obras legítimas, a aptidão para adotar um ponto de vista propriamente estético a respeito de objetos já esteticamente constituídos – portanto, designados para aqueles que aprenderam a reconhecer os signos do admirável – e, o que é ainda mais raro, a capacidade para construir esteticamente objetos quaisquer ou, até mesmo, “vulgar” (por terem sido apropriados esteticamente ou não, pelo “vulgar”) ou aplicar os princípios de uma estética “pura” nas escolhas mais comuns da existência comum, por exemplo, em matéria de cardápio, vestuário ou decoração da casa. (Bourdieu, 2011, p. 42).

No entanto, a inclinação inicial deste estudo, fruto da observação ainda primária e superficial do campo, foi reduzir o uso do livro na decoração a algo “pejorativo”, negativo, socialmente inferior, apressando-se em concluir que as obras literárias, históricas e filosóficas estariam restritas aos ambientes característicos de leitores, enquanto, apenas por influência da importância social do objeto, livros de arte, fotografia e arquitetura compunham os demais espaços. Sabe-se que as obras pautadas na qualidade textual, na qualidade formal e na produção de conhecimentos e conteúdos novos sobrepõem-se culturalmente àquelas não canonicamente reconhecidas. Porém, quando as relações e as

---

<sup>3</sup> Bourdieu (2011, p. 35) acredita que as “classes populares e as frações menos ricas em capital cultural das classes médias” hostilizam “qualquer espécie de experimentação formal”, permanecendo com o olhar absolutamente funcional para os objetos.

<sup>4</sup> Com a importante colaboração dos alunos da disciplina *Pesquisa de Mercado/PUC-Rio*, em 2012.2, foi aplicado um mesmo questionário a 164 pessoas, entre jovens e adultos das classes A, B, C, D e E, de modo a esclarecer alguns pontos da pesquisa.

reflexões se constroem a partir de “intenções estéticas”<sup>5</sup>, todas as obras, sem exceção, – as mais e as menos “legítimas” –, desempenham, igualmente, fontes de “leituras” sociais relevantes. Ademais, observou-se ainda deslocamentos bastante perceptíveis das obras “canônicas” a espaços que contemplavam suas formas e embaçavam seus conteúdos.

A propósito, avalia-se que enquanto Bourdieu (2011) considera a maneira de usar bens simbólicos uma forma de marcar “distâncias”, para a presente pesquisa, representa um recurso de distinção (cultural) - estética ou intelectual -, não de classes, mas de conceitos e intenções<sup>6</sup>. Observa-se que, paralelamente àqueles que valorizam a vivência e o domínio do código culto, há, no entanto, quem opte, sobretudo, por destituir os objetos de traços intelectuais para usufruir somente da experiência estética, “liberando a experiência artística de qualquer vestígio de intelectualismo, didatismo e pedantismo” (Bourdieu, 2011, p. 75). De todo modo, deve-se advertir que, ao utilizar bens dos quais não nos apropriamos genuinamente, favorecemos a produção de significados não verdadeiros sobre nós mesmos. Observando a importância do interior da moradia na identificação de estilos, Bourdieu (2011), embora não acentue que as relações possam estar ali escamoteadas por objetos despropositados, sustenta, indiretamente, a relevância do estudo desenvolvido neste capítulo.

A possibilidade de ler, no estilo de mobiliário e de vestuário, o verdadeiro estilo de vida de um grupo deve-se ao fato de que não só tais propriedades são a objetivação das necessidades econômicas e culturais que determinaram tal escolha, mas também as *relações sociais objetivadas nos objetos familiares*, em seu luxo ou pobreza, em sua “distinção” ou “vulgaridade”, em sua “beleza” ou “feiura”, impõem-se por intermédio de experiências corporais tão profundamente inconscientes quanto um toque inspirador de confiança e discreto dos tapetes de cor bege ou o contato gélido e desconfortável com os linóleos rasgados e berrantes, o odor áspero, insuportável e forte da água sanitária... (Bourdieu, 2011, p. 75).

Não há respostas estanques, mas indícios que justificam a “entrada” do livro nos espaços particulares. Com base na proposta de Baudrillard (1995), que observa inclinação mais acentuada à recepção do que à afeição nos ambientes internos modernos, e, a partir dos estudos antropológicos do consumo, que

<sup>5</sup> Expressão utilizada por Bourdieu (2011).

<sup>6</sup> As relações contemporâneas do livro não se restringem a questões de pertencimento de classe, como também não se limitam à demanda de domínio do capital cultural. Quando o livro participa das relações cotidianas, suas aparições tendem a se diversificar com maior frequência.

consideram os objetos *signos* de um sistema de significação cultural, identificamos a também atuação do livro, através de seu valor social, como elemento de composição - direto ou indireto, espontâneo ou produzido - da imagem do sujeito contemporâneo. Este pressuposto, no entanto, comporta variações reflexivas que abrangem, em si, outros indicadores: a) as atuais sugestões arquitetônicas, incentivando projeções de ambientes mais realistas, estariam proporcionando maior liberdade aos espaços, permitindo que objetos pessoais que “pesavam” na proposta *clean* – isso inclui os livros - saíssem das gavetas, armários, e prateleiras escondidas e alcançassem novamente a livre circulação nos espaços domésticos <sup>7</sup>; b) por consequência, a partir da imagem social positiva projetada pelas relações intelectuais, agora realçada fisicamente pela constante e intensa exposição de títulos nos lares que abrigam estas interações, haveria uma motivação, por parte de não leitores, para a adoção e exposição de objetos culturalmente valorizados como os livros – uma opção pautada, sobretudo, na “imitação prestigiosa” (Mauss, 1974), intencionando forjar o “*habitus* culto”, a partir de um de seus indicadores legítimos; c) com a “alta” dos livros na decoração, identificamos ainda casos nos quais a motivação central constituía, exclusivamente, acompanhar a tendência e participar ativamente da “moda”, uma relação despida de qualquer intenção social mais complexa. Segundo a teoria de Bourdieu (2011), esse descarte do “cultural” tende a traduzir-se em apropriações essencialmente estéticas, embora consideremos que definições sociais amplas como “beleza”, “harmonia”, “elegância”, “sofisticação”, “tradição” e “aconchego” - valores que acompanham os livros nos espaços contemporâneos – sejam conduzidas, fundamentalmente, por orientações culturais, que norteiam as ações e as escolhas dos sujeitos.

---

<sup>7</sup> Consideração da arquiteta Joana K. A definição da campanha *Traços contemporâneos* do site *Westwing* – acesso em maio de 2013 – ao definir esse estilo, contribui para um melhor entendimento deste raciocínio: “um pouco mais ornamentado que o minimalista e bem menos exagerado que o clássico. Assim é o estilo contemporâneo, uma proposta decorativa que permite unir suavidade e visual *clean* com as últimas tendências. Estofados confortáveis, madeira e a transformação do uso dos objetos ajudam a compor de forma atual”.

## 4.1

### Os valores do livro na decoração

Uma decoração que inclua livros ganha não só em **beleza**, mas também em **conteúdo**. Os livros desta campanha versam sobre fotografia, design, arquitetura, e outros assuntos (...). Além de explorarem diferentes temas, os produtos selecionados contam com **visual impecável** para decorar estantes e escrivaninhas de maneira **autêntica** e **versátil**. Num **espaço moderno, sofisticado ou clean**, **livros proporcionam um toque culto com muito conteúdo e estilo** na sua composição. (Campanha *Capas inspiradoras – grifos meus*)<sup>8</sup>.

Por analogia a obras de arte, quadros e esculturas, o objeto de estudo, também dotado de uma forma material ágil, bela, compacta e transportável<sup>9</sup>, seduz não somente os agentes sociais envolvidos pelo universo livresco, como conquista novos cenários e relações. Não bastasse essa condição, os livros são ainda elementos culturalmente valorizados, construídos sob uma perspectiva positiva em relação ao conhecimento e à informação e, por meio dessa projeção social, abraçam relações estéticas, entre outros fatores, a partir do desejo do sujeito de sentir-se membro participativo da “marcha” contemporânea de enaltecimento à cultura e à tradição. Por meio da estética e do significado cultural acumulado, portanto, os livros são consumidos em contextos diversos, a partir de propostas singulares. Considera-se que, em domínios mais livres e pouco tradicionais como a decoração, os objetos estejam mais propensos à ressignificação, atualização e incorporação de novos usos sociais, sem que haja, necessariamente, riscos de danos à representação anterior. Arquitetos e decoradores entrevistados confirmaram a inclinação ao bem cultural estudado, evidenciando-o como uma das mais fortes tendências do campo. As propensões contemporâneas de retorno ao passado, ressignificação de objetos antigos, valorização do clássico e do tradicional e o enaltecimento do valor cultural e intelectual do suporte comportam, juntos, as brechas pelas quais os livros possivelmente entraram na decoração contemporânea – esfera social que contribuiu largamente para a ampliação das relações com o objeto. A partir dos resultados obtidos, pode-se supor, para todos os efeitos, que, se o consumo é um sistema de significação, a decoração representa uma instância do consumo que

---

<sup>8</sup> Ref: Site *Westwing*, acesso em maio de 2012.

<sup>9</sup> Pensamento desenvolvido a partir das considerações de Bourdieu (2011) acerca da percepção das obras de arte.

atua como via de manutenção, circulação e renovação deste sistema. Dito de outra forma, estaria figurando, ela mesma, um dos próprios “sistemas de (res)significação” (Baudrillard, 1995).

Observou-se que muitas das representações identificadas no estudo do discurso midiático foram novamente repertoriadas a partir deste novo campo, por onde se constatou, outra vez, que o elemento cultural analisado associa-se intimamente a conceitos como “clássico”, “retrô”, “*vintage*” e “contemporâneo”, a substantivos distintos como “charme” e “jovialidade”, pautados, principalmente, por uma estética, sobretudo, “identitária”. A “onda nostálgica”<sup>10</sup>, apontada como obsessão da contemporaneidade por Eco & Carrière (2010), parece, realmente, constituir um dos pilares de sustentação da participação do livro como objeto decorativo - tendência já observada no capítulo anterior e que segue em evidência. Além do já apontado conforto emocional, a tradição objetivada nos bens inspira, no referido campo estético, qualidades como irreverência, criatividade e originalidade<sup>11</sup>. Livros e vinis, neste contexto, além do valor funcional e de toda a carga cultural que sustentam, proporcionariam mobilidade e customização aos ambientes, móveis e prateleiras, além de despertarem “memória afetiva”<sup>12</sup>. Sites decorativos como o da loja virtual *Westwing* evidenciam a inclinação ao estilo “retrô”, mistura de elementos antigos com “peças de visuais contemporâneos”<sup>13</sup>, no intuito de atribuir personalidade aos ambientes - atualmente, o principal objetivo da decoração (*vide* campanha *De volta ao passado – objetos retrô*).

Neste cenário, os livros conquistam cada vez mais espaço. Uma das campanhas da *Westwing*, por exemplo, lembrou o pioneirismo da editora *Taschen* - bastante conceituada, atualmente, pela atuação neste nicho - na produção de títulos exclusivamente decorativos, apontando a proposta estética como vantagem ao universo livresco e acentuando, indiretamente, a associação do livro a um estilo “retrô” contemporâneo que “participa das composições de forma

---

<sup>10</sup> Muitas vezes, traduzida pela expressão “releitura nostálgica” nas campanhas analisadas. Figura, inclusive, o título de uma das campanhas do mês de maio/2013 do site *Westwing*.

<sup>11</sup> Ref. Campanha *Além das Horas* – em [www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), acessado em 13 de maio de 2013.

<sup>12</sup> Ref. Reportagem *Lado A. Lado B. Onda Nostálgica* transforma capas e discos de vinil em obra de arte. *O Globo, Revista Domingo*. Ano 8. Nº 381. 13 de novembro de 2011, páginas 48-50.

<sup>13</sup> Conclusões baseadas na campanha *Mescla de estilos* - em [www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), acessado em 13 de maio de 2013.

conceitual” (vide campanha *Livros Taschen*). Em outras palavras, sustentada pelo valor tradicional intrínseco a este elemento cultural, a “função culturalizada” do objeto (Baudrillard, 1995) sobrepõe-se à função primordial do mesmo:

Decorar o local com objetos que remetem às épocas antigas vem ganhando cada vez mais espaço na cabeça de todos que primam por bom gosto. O mais interessante deste estilo é que ele consegue trazer um toque de irreverência e evoca memórias antigas da infância. Mas, na hora de optar por esta tendência, só tome cuidado para não deixar a casa com cara de museu. Para isso, combine bem os itens e planeje a disposição dos mesmos. [...] Volte no tempo e transforme seu lar! (Campanha *De volta ao passado – objetos retrô*, site Westwing, maio de 2013).

[...] Foi em 1999 que a empresa lançou uma ideia de sucesso: enriquecer o universo dos livros com obras em grandes dimensões, edições limitadas e capas repletas de estilo e beleza. Atualmente, a Taschen é consagrada por lançar títulos inusitados e sobre fotografia, design, arquitetura e artes em geral. O Westwing quer que você amplie suas referências e, ainda por cima, tenha capas inspiradoras que poderão participar das composições de forma conceitual. [...]. Também temos livros sobre arte moderna, impressionismo, cubismo e muito mais. Engrandeça sua mente com estilo! (Campanha *Livros Taschen*, site *Westwing*, maio de 2013).

Constituindo mais um valor associado ao objeto de estudo, o termo “clássico”, neste campo específico, mostra-se frequentemente orientado pela estética dos bens de consumo e acompanhado, principalmente, por valores tais como sofisticação, opulência e requinte, enquanto o estilo *vintage* (um valor também relacionado) corresponde, na perspectiva da decoração, à atribuição de charme, elegância e irreverência aos espaços<sup>14</sup>. Interessante não apenas avaliar a definição do estilo “clássico” promovida pela *Westwing* (FIGS. 32A e 32B), como também observar os objetos associados e equiparados ao valor do livro nesta e em outras linhas decorativas correlatas (FIG. 33):

---

<sup>14</sup> Ref. Variadas campanhas do site [www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), entre os anos 2011 e 2013.

A. Ilustração e definição da campanha *Estilo clássico*

Acolher móveis e acessórios com visual tradicional nas composições é eternizar uma época e uma arte que já não voltam mais e que tiveram influência em tudo que produzimos atualmente. Queremos que você encontre o máximo de conforto, requinte e valor nas peças que selecionamos nesta coleção encantadora e primorosa. Há poltronas Luís XV e XVI, vasos de porcelana decorados com esmero, tapetes persas e louças elegantes. Muitos itens nos remetem ao período do império e foram baseados na antiguidade clássica. Outros possuem realmente mais de cem anos e carregam as marcas do tempo. Encante-se e resgate lindos fragmentos do passado<sup>15</sup>. (*Estilo clássico*, site *Westwing*, maio de 2013).

B. Livros na foto de definição da campanha *Opulência clássica*, seguido de outros objetos associados; e parte do texto explicativo.

[...] Buscando referências na opulência do estilo clássico, o *Westwing* te presenteia com um mix de objetos que refletem requinte a todos os cantos da sua casa. Esta linha decorativa, apesar de antiga, está sempre presente nas residências daqueles que primam por sofisticação. O clássico remete à elegância dos franceses e ingleses durante o século XVII em seus palácios que eram caracterizados pelo uso de peças em cristal, espelhos com estilo veneziano e lustres imponentes. [...] Aproveite para embelezar os seus ambientes com o luxo do passado! (Campanha *Opulência clássica*, site *Westwing*, maio de 2013).

Figura 32 – O livro e o clássico na decoração contemporânea



Figura 33 – Livros e valores correlatos na decoração: A. Livros na foto de definição da campanha *Transformar com o clássico*; B. caixas com estampas ou formatos de livros na campanha *Releituras Nostálgicas*<sup>16</sup>; C. pufe com estampa de livros na campanha *Estilo retrô*; D. relógios inspirados em objetos tradicionais da campanha *Além da Horas*. (Site *Westwing*, diferentes acessos).

<sup>15</sup> Por analogia ao termo *bricolage* (Lévi-Strauss, 1970), estes fragmentos do passado representam, sobretudo, fragmentos de “valores”, que, reordenados, compõem novos significados, tais como os de cultura, elegância e tradição.

<sup>16</sup> Campanha *Releituras nostálgicas - Baús, caixas e maletas*: “confira um toque antigo e elegante para a sua casa com a nossa incrível seleção de maletas, caixas e objetos decorativos. Ornamentar os cômodos com organizadores de aparência *vintage* é uma maneira excelente de modificar o ambiente. (...). Além do mais, as maletas podem organizar, servir de apoio ou simplesmente renovar o local com muito mais charme. [...]”. ([www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), maio de 2013).

Considerando que, segundo a antropologia do consumo, os objetos conversam entre si, aproximando-se ou afastando-se a partir da harmonização e do equilíbrio existente entre eles, observa-se que livros articulam-se, a partir dos conceitos de “sofisticação” e “requinte”, com objetos “clássicos e tradicionais”: cadeiras, lustres, relógios, caixas, LPs, máquinas de escrever, louças e, sobretudo, com tapetes persas, inspirando nos espaços, segundo relatos e informações das fontes estudadas, bom gosto, versatilidade, elegância, aconchego, autenticidade e acolhimento<sup>17</sup>. Por meio do conceito de “jovialidade” (que traduz as propostas modernas e contemporâneas na decoração, e pela qual a presença do livro mostra-se também justificada), aproximam-se de artefatos “irreverentes”, revestidos de toques antigos; objetos criativos, ousados e com formatos diferenciados; e elementos com estampas coloridas (FIG.34). Segundo o site de decoração *Westwing*, que também considera que, na decoração contemporânea, “todos os elementos conversam entre si e proporcionam uma estética única”, o uso de “referências externas” acrescenta harmonia e beleza aos espaços<sup>18</sup>.



Figura 34 – Livro e jovialidade  
(Ref. Campanha *Espírito Jovial*, [westwing.com.br](http://westwing.com.br))

Bourdieu (2011, p. 44) sugere que o movimento que desloca o interesse na informação dos elementos para aquilo que denomina “apreciação” resulta não somente na acentuação da valorização da imagem como suscita julgamentos distintos em relação ao mesmo objeto - consequência de uma avaliação sustentada menos pelo conteúdo do que pela forma (estética): “o julgamento nunca autonomiza a imagem do objeto em relação ao objeto da imagem”. O autor avalia que “os agentes apreendem os objetos através do esquema de percepção e de apreciação de seus *habitus*”, conduzindo à proposição de que a mesma prática pode surtir sentidos, intenções e expectativas diferentes. Fazer uso do livro na composição de um ambiente, portanto, não significa necessariamente apropriar-se do objeto do mesmo modo, o que produz, instantaneamente, significados sociais distintos como resultado. Logo, devemos considerar que o consumo do livro para

<sup>17</sup> Ref. Campanha *Tapetes que contam histórias*. Site [www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), em maio de 2013.

<sup>18</sup> Ref. Definição da campanha *Sala Contemporânea*. Site [www.westwing.com.br](http://www.westwing.com.br), maio de 2013.

fins meramente decorativos produz percepções e possibilidades de contato distintos em relação à apropriação do mesmo objeto - por meio da leitura - para fins de aprimoramento e prazer intelectual. Essas distintas relações serão o fio condutor da próxima seção, que busca revelar as diferenças formais e culturais no tocante ao uso contemporâneo do livro.

## 4.2

### Apelo estético ou funcionalidade?

Com base na perspectiva que percebe o consumo como sistema de comunicação e informação – a perspectiva antropológica -, considera-se que o uso de livros na composição dos espaços contemporâneos evidencia não somente a preocupação e a relação do sujeito com o saber e com o conhecimento (1), mas também a reivindicação deste *status* por falsificação<sup>19</sup> (2), ou, em certas ocasiões, a simples relação estética com o objeto (3), que, combinado a outros bens, produz, segundo o campo estético observado, cenários harmoniosos, intimistas, aconchegantes e esteticamente agradáveis, e funcionam, sobretudo, como provedores autênticos dos valores almejados socialmente (aqueles expostos na seção anterior e no estudo da representação do livro na mídia), sobressaindo nestes dois últimos casos a função culturalizada do objeto de estudo. Logo, o uso social do livro varia conforme a apropriação individual - sem dúvida -, mas também sofre forte orientação de um cenário cultural amplo que direciona as variações de consumo a partir das intenções sociais do sujeito.

Sobretudo, observa-se que as distintas apropriações do livro na composição dos espaços domésticos comuns produzem, de acordo com as singularidades de cada grupo, variações quanto à função, ao espaço e à posição física do objeto. As diferenças relacionais produzidas pelas particularidades de consumo, portanto, identificam tanto aqueles que percebem o livro como instrumento do conhecimento, quanto aqueles que o adotam como elemento meramente ornamentário – incluindo nesta segmentação a utilização por “blefe”. Enquanto o primeiro grupo se preocupa com o conteúdo dos livros; o segundo, preso à forma, valoriza a beleza, as cores, os traços superficiais dos exemplares, o “peso” social e

---

<sup>19</sup> Termo utilizado por McCracken (2003), anteriormente mencionado na reflexão sobre a personagem Carminha (Avenida Brasil) e as lombadas falsas de livros.

cultural das obras, e se apropria livre e intencionalmente de todos os valores e conceitos associados ao suporte.

Cabe identificar, especialmente, a relação entre posição e respeitabilidade estabelecida culturalmente entre sujeitos sociais e livros. No entanto, este ponto, ao não se apoiar em suporte teórico que o comprove, representa tão somente o resultado parcial das observações de campo. Posto isso, consideremos os dois fragmentos a seguir, nos quais Sartre (1964), sutilmente, insinua diferenças de posições estéticas, culturais e sociais entre os livros de seus avós.

Comecei minha vida como hei de acabá-la, sem dúvida: no meio dos livros. No escritório de meu avô, havia-os por toda a parte; era proibido espaná-los exceto uma vez por ano antes do reinício das aulas em outubro. Eu ainda não sabia ler e já reverenciava essas pedras erigidas: **em pé ou inclinadas, apertadas como tijolos nas prateleiras da biblioteca ou nobremente espacejadas em aléias de menires**, eu sentia que a prosperidade de nossa família delas dependia. Elas se pareciam todas; eu foliava num minúsculo santuário, circundado de monumentos atarracados, antigos, que me haviam visto nascer, que me veriam morrer e cuja permanência me garantia um futuro tão calmo como o passado. Eu os tocava às escondidas para honrar minhas mãos com sua poeira, mas não sabia bem o que fazer com eles e assistia todos os dias a cerimônias cujo sentido me escapava: meu avô – tão canhestro, habitualmente, que minha mãe lhe abotoava as luvas – manjava esses objetos culturais com destreza de oficiante. (Sartre, 1964, p. 27 – **grifos meus**).

No quarto de minha avó os livros ficavam **deitados**; tomava-os de empréstimo a uma biblioteca circulante e nunca cheguei a ver mais do que dois ao mesmo tempo. Tais bagatelas me lembravam os confeitos de Ano Nôvo, porque suas folhas flexíveis e brilhantes pareciam cortadas em papel glacê. Vivas, brancas, quase novas, serviam de pretexto a mistérios ligeiros. Toda sexta-feira, minha vó vestia-se para sair e dizia: vou devolvê-los”. (Sartre, 1964, p. 28 – **grifos meus**).

A seleção das expressões “minúsculo santuário”, “nobremente”, “prosperidade”, “monumento”, “honrar”, “cerimônias” e “pedras erigidas”, em si, já revela a conotação especial atribuída por Sartre aos livros do avô, os quais descreve pousados “em pé ou inclinados”, em um discurso envolto por ostensiva devoção emocional e conceitual ao objeto. A oratória dispensada aos livros de sua avó, no entanto, parece referenciar uma categoria de outra ordem, uma ordem conceitualmente inferior na perspectiva do filósofo. Se, no caso do avô, os livros são muitos, compõem uma biblioteca, são constituintes do sujeito e interessam pelo conteúdo, no caso da avó, não passam de dois, servem menos à leitura (as páginas são “vivas, brancas e quase novas”), repousam “deitados”, são referidos

como “bagatelas” e associados a pretextos meramente sociais, destacando-se aos olhos de Sartre somente pela estética extravagante. Esta nítida separação de valor em relação à disposição física do livro mostrou-se frequente ainda em outras obras literárias. Assim como Sartre, outros autores clássicos, quando descrevem o livro na posição horizontal, tendem a declinar também sua importância. Vejamos o trecho de Walter Benjamin (1995), no qual o autor representa a horizontalidade do objeto de estudo como aquela posição na qual o livro encontra-se sempre fechado, “obstruído”, ou seja, sempre aquém de suas possibilidades:

No sonho ele me pareceu velho e conhecido. Os livros não estavam na vertical, mas deitados, e por certo no canto exposto às intempéries. Neles sucediam tempestades. Abrir um deles teria me levado bem ao centro de uma delas, onde se anuviava um texto cambiante e turvo, prenhe de cores. (Benjamin, 1995, p. 114).

Mas, é exatamente nesta posição, sujeitos às intempéries, que os livros são mais comumente encontrados na decoração contemporânea (FIG. 35), lembrando em sua forma os livros da avó de Sartre - “na maioria das vezes, são livros vistosos, de grandes dimensões, e impressos em papel de altíssima qualidade” (Ref. site Correio do Estado). Apesar de neles estarem sucedendo tempestades, como observa Benjamin (1995), abri-los não seria uma ação automática e natural – assim como na decoração também não o seria. Os livros para fins meramente decorativos atuam, sobretudo, fechados e posicionados na horizontal - condições contrárias àquelas de leitura, quando funcionam principalmente abertos e são, com maior frequência, pousados verticalmente nas prateleiras. O blog *Livro Aberto* sugere que, quando restritos às composições estéticas de ambientes, os livros representam tão somente um reflexo de “aridez cultural”: “e façam o favor de não acreditar, novamente, que eu fosse dar dicas de decoração com Faulkner ou Eco para aqueles que nem estão interessados no conteúdo de suas obras”.



Figura 35 – Livros na horizontal na decoração contemporânea

Logo, observa-se que existe não apenas uma relação entre a verticalidade e o respeito despendido ao livro, como existe ainda uma relação não menos importante entre a verticalidade e a função da leitura. Livros destinados a esta prática comumente são dispostos na posição vertical, enquanto livros destinados à contemplação estética, além de menos valorados intelectual e culturalmente, são exibidos com maior frequência na posição horizontal – posição na qual os textos são geralmente “anuviados” e as imagens, reluzentes. Embora algumas fontes de decoração analisadas, como o blog *Dicas de Mulher*, reconheçam a praticidade da organização vertical dos livros, orientam seus seguidores a empilhá-los horizontalmente para “dar uma renovada na decoração” e agregar ao ambiente, não apenas discricção e elegância - quando agrupados por cores ou tamanho –, como diversão - quando divergidos nessas mesmas categorias.

As observações e ilustrações anteriores conduzem à consideração de que existem, ao menos, duas nítidas direções, não excludentes, mas bem delimitadas, que abarcam, na composição dos ambientes contemporâneos, apropriações particulares do livro impresso – com as devidas ramificações -, classificadas, sobretudo, a partir do consumo específico de cada um dos referidos “grupos”. Nas sessões subsequentes, intenciona-se revelar e analisar as peculiaridades formais e funcionais destes dois grandes campos de diferenciação no consumo do livro na composição dos espaços domésticos, a partir de dicotomias como “funcionalidade” e “apelo estético” (Bourdieu, 2011); “leitura” e “ornamento”; e “prazer intelectual” e “prazer físico” - que identificam, respectivamente, o “prazer de ler” e o “prazer de possuir”, segundo as classificações propostas por José Midlin (2004).

#### 4.2.1

##### **Funcionalidade: prevalência do conteúdo**

A vida está pulsando ali. O livro faz parte da casa, da comida, da experiência, da maternidade, do cotidiano. (Adélia Prado).

Até aqui, priorizou-se destacar, com mais intensidade, o comportamento do livro nas apropriações estéticas, centradas, sobretudo, nos valores sociais e no apelo material desse bem cultural – um caminho que abarca mais a “imagem do

objeto” do que o “objeto da imagem” em si (Bourdieu, 2011). Faz-se relevante, no entanto, examinar os casos que se distinguem substancialmente dos anteriores e que, de certo modo, como proposto no capítulo anterior, mostram-se geradores destas relações excedentes, ou, no mínimo, influenciadores pontuais de parte de suas existências. Esta seção concentra-se, portanto, em observar as apropriações do livro, agora em relações e ambientes nos quais os mesmos estão guiados por um “prazer intelectual”, e não mais meramente visual ou identitário, quando atuam em função do conteúdo e dos efeitos da prática de leitura, consituindo, sobretudo, um elemento de “fonte de prazer, de descoberta, de conhecimento, de estudo, de ideias para trabalho e de diálogo com o mundo” (Isadora T., professora universitária).

As entrevistas realizadas com um público-leitor selecionado – Márcio P., professor de ensino médio, que já atuou como professor universitário e jornalista, e se diz viciado em *audiobook*; Isadora T., professora universitária, que ministra disciplinas como *Gêneros Literários* e *História do Livro no Brasil*, e é sócio-fundadora, junto a amigos, de um Clube do Livro; Samantha K, jornalista, que percebe o livro como “bengala” e conforto emocional; Rodrigo A., professor universitário e designer, que se auto-intitula quase um colecionador; Marcela P., advogada de formação e escritora por opção, que acumula, junto ao marido jornalista, mais de 5 mil títulos; e Érika U., diretora de um dos centros de referência em leitura no Rio de Janeiro e uma das pioneiras na preocupação com a questão da formação do leitor, já doou mais de 12 mil livros de seu acervo pessoal e acumula ainda cerca de 6 mil títulos em casa – serviram de inspiração para o desenvolvimento desta seção, construída a partir da análise de seus relatos pessoais acerca da relação afetuosa estabelecida com livros e da observação da composição de seus ambientes domésticos, locais onde foram realizadas as entrevistas <sup>20</sup>. De um modo geral, trata-se, sobretudo, de um consumo orientado, prioritariamente, pelo conteúdo das obras, pela empatia por autores, pela qualidade da escrita, por indicações de terceiros ou da mídia, pelo apelo das vitrines das livrarias e também regidos por curiosidade ou interesses específicos

---

<sup>20</sup> Com exceção dos encontros com Érika U. e Samantha K, que, por incompatibilidade de horários entre as partes, foram realizadas nos respectivos locais de trabalho. Samantha K., no entanto, fotografou os cômodos de seu apartamento e enviou as fotografias por email.

(contínuos ou momentâneos). Marcela P. associa ainda ao ato de ler certa “ vaidade intelectual”, atrelada intimamente ao conhecimento - um valor importante para o grupo:

Eu tenho vaidade intelectual, eu quero ler, quero ser inteligente, quero saber, porque é o que eu valorizo. Se você valoriza só roupa - eu também tenho uma vaidade estética, consumista e tal -, mas se você só valoriza isso, só vive pra isso, esse é o seu valor. Se é assim que você se vê, assim que você quer que os outros te vejam e é assim que você se identifica, é a tua identidade. Se o teu valor é o conhecimento, você vai ler e vai se informar, essa é a sua vaidade (Marcela P.).

Via de regra, observa-se, principalmente, tratar-se de sujeitos que não identificam fundamentalmente o livro como objeto de decoração, mas, especialmente, como elemento fundamental para a constituição do sujeito, “uma coisa assim constituinte do meu ser” (Samantha K.), fruto de uma relação essencialmente visceral e espontânea com o artefato cultural: “então, como apoio, eu fico vendo essas pessoas com bíblia, sabe - eu não sou religiosa -, mas esse apoio no livro, então, eu acho que existe, então é uma relação meio que visceral” (Samantha K.). Deve-se ponderar, sobretudo, tratar-se de relações construídas ainda no período da infância, de forma bastante natural, experimentadas inicialmente em ambientes domésticos ou em viagens com a família (locais que se distanciam do cotidiano da escola), por influência de um “mediador” apaixonado por livros e pela leitura, motivando, assim, novas relações apaixonadas pelo objeto que, ao passar dos anos, motivam, por sua vez, outras novas relações (filhos, sobrinhos, amigos próximos) – uma influência meio “epidérmica”, mais afetiva do que intelectual, para usar termos proferidos por Samantha K, uma das entrevistadas. Houve casos, todavia, que, ainda criança, a leitura constituía somente uma atividade esporádica – em momentos de férias escolares – ou uma atividade propriamente escolar, no entanto já se fazia presente e já havia um ou mais membros familiares influenciadores. Nestes casos, a relação se intensificou apenas posteriormente, ou em função do trabalho ou em função do ingresso na vida acadêmica, via mestrado e doutorado. Todos, sem exceção, buscaram atuação profissional bastante próxima ao universo do livro, ao qual associam constantemente o prazer. Identificados socialmente como pessoas leitoras, tornaram-se todos uma espécie de referência “literária” para amigos e familiares: “ah, se ela indicou, esse livro deve ser ótimo” (Marcela P.).

Curioso observar que, apesar de não haver lembrança exata do primeiro exemplar lido, o momento preciso no qual o livro passou a ser alternativa de vida e possibilidade “real” de vivenciar outros tempos e lugares, e extravasar emoções e sentimentos contidos, estavam muito nitidamente presentes na memória dos membros deste “grupo” - que considera ler menos do que gostaria, assume não dar conta de ler todos os livros comprados, reclama da falta de espaço e da falta de tempo para o exercício da leitura e evita, por questões práticas e funcionais, a catalogação do acervo pessoal, “intimidados” pela numerosa quantidade de títulos. A função primordial do objeto, o “valor absoluto”, apresenta-se, portanto, como a força condutora do uso e da presença do livro nos ambientes analisados, nos quais observou-se, inclusive, dificuldade – em razão do uso recorrente - em localizar os títulos e mantê-los ordenados. Deixá-los acessíveis e tê-los acomodados configuravam a ordem das prioridades.

Eu tenho uns livros aí que são verdadeiras obras de arte, são das crianças, vou te mostrar, vou pegar pra você. Engraçado, não sei onde foi parar. Uma história linda, linda, tipo um pergaminho. Não é esse, não, esse aqui é mais comercial [...] não, não achei...ah, tem uma foto genial, gente, cadê essa foto? Estava num porta-retrato, caiu e quebrou... que é essa aqui, só que era grande, é o meu filho na estante e com o livro do Lênin na mão, a foto chama-se o pequeno comunista [...]. Aqui [no escritório], eu tento manter poesia e literatura estrangeira. Ô coisa triste e ali é muita coisa, difícil manter arrumado. (Trecho do depoimento de Marcela P.).

Os blogs *Dica de mulher*, *Livro Aberto* e o site *No mundo e nos livros* - fontes digitais que abarcam, de certa forma, discussões acerca da presença do objeto de estudo no campo decorativo, defendendo a exposição de livros somente em casas de leitores - disponibilizaram sugestões “alegres e criativas” para estes que possuem muitos títulos e pouco espaço para armazená-los (FIG. 36). De todo modo, as configurações apresentadas distanciaram-se da realidade dos ambientes observados na prática, que tenderam a composições um pouco mais “desorganizadas”, em razão das consultas constantes a este objeto constituinte não apenas do ser, mas, sobretudo, dos espaços: “só não tira foto da bagunça, hein, Joana [risos]” (trecho do depoimento de Marcela P.). Nos ambientes “reais”, livros, porta-retratos, bibelôs, lembranças de viagem, miniaturas, quadros,

enfeites, caixas, latas, estantes, escadas e artefatos de madeira <sup>21</sup> compunham, juntos, uma informação “visual” sobrecarregada de elementos (FIG.37).



Figura 36 – Visual *clean* dos ambientes de leitores no blog *Dicas de Mulher*

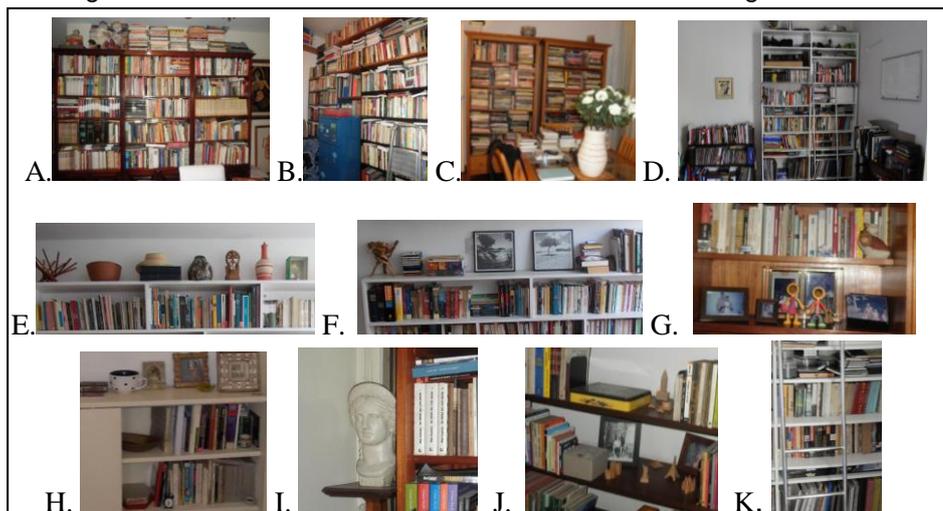


Figura 37 - Sobrecarga visual nas casas de leitores reais

Ao contrário da presença pontual e quase “escassa” do objeto nas apropriações estéticas, livros tornam-se verdadeiros “senhores do lugar” <sup>22</sup> nas casas de ávidos leitores e ocupam praticamente todos os espaços domésticos (com exceção da cozinha e dos lavabos <sup>23</sup>), beneficiados por uma arquitetura projetada especialmente para recebê-los - uma presença pautada, sobretudo, no conteúdo (e não na estética) e associada, necessariamente, ao manuseio, à facilidade do acesso, à leitura e à consulta <sup>24</sup>. Se, no tocante ao armazenamento do objeto de estudo, se determinam, nestas relações, locais mais ou menos apropriados, por outro lado, facilmente transportável, o livro impresso mostrou-se “transitável” por todos os espaços domésticos, uma vez que permite maior movimento do bem cultural, se

<sup>21</sup> Referência à proposta de complementaridade dos objetos, exposta por McCracken (2003). Na prática, os elementos citados e/ou fotografados constituem esta configuração observada.

<sup>22</sup> “Os livros são uns invasores, eles se tornaram senhores do lugar” – frase de Bernard Pivot em *Cânfora*, 2003, p.37.

<sup>23</sup> Na cozinha e no banheiro, com menos recorrência - em razão, respectivamente, da gordura e da umidade características -, o que não impediu, todavia, que os exemplares circulassem por ali.

<sup>24</sup> Em razão do insignificante número de entrevistados para a construção de uma classificação plausível e razoável entre gêneros e cômodos, esta associação não foi considerada para este estudo, mas poderá ser desenvolvida em outro momento.

comparado a suportes antigos como o papiro, possibilitando maior recorrência da leitura e da presença do objeto em ambientes internos diversos como redes, varandas e leitos, assim como em espaços externos e “em trânsito” - bolsa, mochila, salas de espera de dentista, médico, carro ou em locais de trabalho -: “me sinto uma mula de carga, mas é confortante ele estar ali, se eu ficar presa em algum lugar, fila de banco, Deus me livre não ter um livro, mesmo que eu não leia. Se não tiver, fico muito ansiosa, é minha bengalinha” (trecho do depoimento de Samantha K.).

Em virtude dos inúmeros exemplares adquiridos e acumulados ao longo dos anos, quatro dos entrevistados já optaram, em algum momento, pela doação de parte de suas bibliotecas particulares, ora pela questão de espaço ora pelo desejo de viabilizar o uso e o acesso:

Eu resolvi doar meus livros pra PUC [...], com a condição de que constituíssem um acervo voltado para a questão da leitura. Então, eu trouxe de casa cerca de 12 mil livros de literatura infantil, mais uns 3 mil livros de prática de leitura em escola, em sala e tal... Guardava em casa, eu tenho um apartamento antigo e ele me permitiu que eu tivesse uma espécie de mezanino - era um teto falso -, os livros estavam à volta toda, ocupando as paredes e permitia que a gente tivesse acesso ao alçapão; tenho uma biblioteca de literatura brasileira - biblioteca universal - tenho uma biblioteca com, sei lá, uns dois mil livros talvez e tenho ainda cerca de 3 mil livros de teoria da leitura que eu estou trazendo aos poucos para cá. (Érika U.).

A partir dessa colocação, observa-se que os entrevistados dessa seção apegam-se muito mais às possibilidades abstratas proporcionadas pelo contato “real” com o livro (literatura, conhecimento, fantasia, imaginário) do que à forma, ao formato e ao suporte, embora valorizem bastante o tato, o cheiro e o peso do objeto. Apesar de ainda não possuírem o hábito de leitura em telas digitais<sup>25</sup>, pela falta de costume, intimidade ou contato, não descartam essa possibilidade futuramente - *tablets*, inclusive, já estão sendo utilizados pelo “grupo”, em muitos locais, mas apenas para leituras superficiais de jornais, revistas e romances ou para avaliação de teses e dissertações, principalmente em viagens. Márcio P., inclusive, é adepto dos *audiobooks*, disponíveis e facilmente acessíveis pela

---

<sup>25</sup> O livro digital, como não conota publicamente, de forma imediata, traços de identidade, não constituiu material de análise para esta dissertação.

internet <sup>26</sup>. Isto significa que as interações observadas não configuram propriamente relações de sacralidade com o objeto material. Pelo contrário. Escrever, riscar, sublinhar, anotar e as cicatrizes do livre manuseio configuram não apenas ações permitidas, como, por vezes, mostram-se indispensáveis ao melhor aproveitamento do conteúdo – uso distinto daquele que valoriza essencialmente a estética dos exemplares e a conservação física dos mesmos, priorizando os títulos de qualidade gráfica superior e edições novas. O não empréstimo de livros a terceiros, por exemplo, relaciona-se mais intimamente ao receio de perder as anotações particulares – marcadas nas próprias páginas – do que a perda do objeto em si. Mais do que um apego material, a dependência é emocional e intelectual, resultado efetivo das interações.

Bom, então a relação com o livro é uma relação...nem é uma relação com o objeto livro, eu gosto dos livros, gosto de sentir o cheiro do livro, pegar o livro na mão, sentir a textura do papel [...], mas a relação acho que é uma relação com a narrativa, com a palavra. O mote dessa questão toda é o narrar, a narração, são as histórias que vem de lá de trás, é a poesia, a sonoridade, a musicalidade, eu acho que o livro é um suporte como o papiro foi, como o códice foi, e como seguramente a tela líquida digital vai ser. Meu encantamento mesmo é isso, é a palavra e a narração [...] é essa coisa extraordinária que permite que você entreveja outros mundos, outros perfis, outros tempos, outras culturas. (Érika U.).

Classificando estas ligações a partir dos valores identificados no estudo do discurso midiático, estamos lidando com relações que se apoiam, sobretudo, no valor de experiência e experimentação do artefato cultural estudado. Nestas relações, o livro representa paixão, convívio, conhecimento, validação da informação e conforto emocional, sendo a literatura, muitas vezes, considerada como elemento estruturador do pensamento – “Monteiro Lobato foi a minha grande escola, me ensinou História, ciências, matemática, português, narrativa, oralidade, cultura popular e grega, grandes autores [...] A literatura (infantil) entrou na minha vida e estruturou a minha forma de conhecimento” (fragmento extraído do depoimento de Érika U).

---

<sup>26</sup>“Atualmente, além da leitura, eu faço muito mesmo com frequência é ouvir livro, porque agora você tem a facilidade do mp3, ouvir o livro você ganha muito tempo; em vez de música, você ouve a leitura do livro. Claro que a leitura, se você tiver um objetivo específico, como em um trabalho acadêmico, você tem que marcar, tem que assinalar e tudo, aí você precisa da coisa impressa, porque ouvir é um pouco diferente” (trecho do depoimento de Márcio P.).

Enquanto ficção, romance, poesia, contos, ensaios e teorias em geral constituem os gêneros mais frequentemente lidos e acessados por este “grupo”, os livros de arte, música e fotografia foram apontados como sendo aqueles que melhor identificam a categoria “decoreação” - “decoreação é Van Gogh, fotografia, Cartier Bresson” (Márcio P.) - e, ainda que os entrevistados não demonstrem preconceito em relação a apropriações desta ordem (FIG. 38), somente Márcio P. admite, com convicção, utilizá-los para este fim específico: “eu deixo, porque são livros de arte, fica aí um pouco pra consultar, se alguém vier aí e não tiver o que fazer. Meu sobrinho gosta de *Beatles*, fica aí pra ele, ele vem, fica olhando”. Mesmo aqueles que expuseram o desejo de exibir exemplares que consideram “verdadeiras obras de arte”, mostraram-se incomodados com a impossibilidade de fazê-los com mais frequência, em razão da falta de espaços “vazios”, tamanha a quantidade de títulos que por ali circulam: “Queria uma casa imensa pra desmembrar tudo numa fileira só, uma *mesona* de madeira pra colocar livros de arte. Não só porque acho um lindíssimo objeto de decoracão, mas pra ficar ali na mão. Não vejo tanto quanto gostaria. Fica tudo guardado” (Marcela P.).



Figura 38 - Livros na “decoreação” das salas dos leitores Marcela P. e Márcio P.<sup>27</sup>.

Embora haja registros pontuais de alguns títulos na decoracão, a utilizacão do livro na composicão dos espaços desta seccão foi justificada, principalmente, pela paixão, pela necessidade da convivência com o objeto e para marcar aqueles exemplares que estão “na espera” por leitura e, por consequência, devem encontrar-se exibidos em algum local acessível aos olhos.

Se eu pudesse ter um escritório, na minha casa teria só uns 5 livros que eu estou lendo, eu até preferia, porque eu não faço questão de decoracão, assim. Não. Eu gosto pra caramba mesmo de livro, mas não é decoracão, é mais pela convivência

<sup>27</sup> Nestas ilustracões, apresentam-se consideradas dois tipos de relacão com o objeto na decoracão propriamente dita: em ambos os espaços, os livros encontram-se na horizontal, mas na primeira fotografia (sala da Marcela P.), os títulos estão cuidadosamente exibidos, dentro de uma caixa de madeira e vidro, conotando uma maior importância histórica aos objetos ali presentes, associando-se à relacão de colecionador; na sala do Márcio P., no entanto, há uma disposicão um tanto desorganizada, destituindo, de toda forma, qualquer indício de sacralidade do objeto.

mesmo. Não é uma coisa que eu fico olhando. Eu tenho mesmo uma coisa, sabe a pessoa com uma loja de doce, eu sou assim com o livro. [...] Sabe aquele travesseirinho que é um objeto transicional das crianças, que a criança precisa ter um *snoopy* assim, o meu é o livro... (Samantha K., jornalista).

Acho bonito uma estante com livro, mas porque eu gosto de livro, claro que dá um colorido, mas eu gosto de ter livro na sala, porque eu leio muito e não cabe mais no resto da casa, mas eu não compro livro pra ficar bonito na estante, mas, claro que tem livros, como aquele livro de maio de 68, que é um tijolão, que quando eu ganhei, eu imaginei ele aqui na estante, (...), então ele é lindo, maravilhoso como livro, textos legais, imagens maravilhosas. (Isadora T.).

Em relação ao momento próprio da leitura, os entrevistados reconhecem assumidamente a posição vertical do livro como a mais recorrente – a posição horizontal apenas é identificada nas ocasiões nas quais o estudo e/ou trabalho constituem pontualmente o foco central do exercício, quando o sujeito apoia o livro integralmente sobre a mesa para facilitar os apontamentos. Nas demais situações, o objeto esteve sempre associado a momentos de prazer e a posições confortáveis – a leitura é usualmente praticada no período noturno, em razão do horário de trabalho, em mobiliários como cama ou poltronas projetadas, possibilitando conforto ao leitor, que pode estar sentado ou deitado. De todo modo, estabelecem-se relações físicas quase sempre perpendiculares: se o leitor está na horizontal, o livro dispõe-se na vertical, e *vice-versa*, com exceção da posição “sentado”, para fins de entretenimento e lazer, quando sujeito e livro dispõem-se, ambos, na posição vertical, um tanto declinados.

Referente à posição física do objeto no mobiliário da casa, os livros estiveram, em maior quantidade, pousados na vertical ou inclinados (FIG. 39) – posição sempre associada a uma questão de praticidade, armazenamento e conservação (é sempre mais fácil localizá-los pela lombada e os livros são naturalmente menos danificados) e, direta ou indiretamente, à função primordial do objeto, embora nem sempre fosse uma estratégia assumida conscientemente<sup>28</sup>. Em outras palavras, foram comumente encontrados na horizontal os livros mais visuais e menos textuais; e, na vertical, os livros de leitura propriamente ditos (literários, filosóficos, teóricos, romances e poesias), com exceção daqueles que

---

<sup>28</sup> Curiosamente, na estante da sala da arquiteta Julia K. – entrevistada para a composição das sessões 3.2.2 e 3.3 – de forma inconsciente, os únicos três livros dispostos na vertical eram também os três únicos destinados à leitura, enquanto aqueles que funcionavam como ornamento, ritmo e cor do ambiente estavam dispostos na horizontal.

estavam “sendo lidos” no momento, e encontravam-se, nas pausas de leitura, repousados horizontalmente nas mesas de cabeceira ou nos escritórios (FIG. 40), aguardando a próxima interação. Márcio P., no entanto, acomoda muitos dos livros teóricos e literários na horizontal, “sem nenhuma razão de ser”, influenciado, talvez, por Moacyr Scliar que “dizia que guardava na horizontal os livros porque os escritores precisam descansar” (Márcio P.). Outros entrevistados também afirmaram colocar alguns títulos nesta mesma posição, mas sempre por uma questão de espaço e não por opção ou preferência.

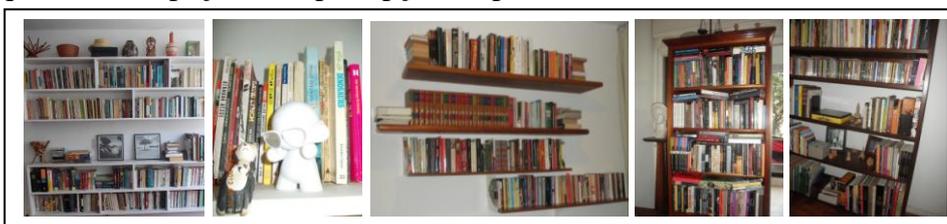


Figura 39 – Livros para leitura, na vertical: sala e quarto na casa da Samantha K.; escritório do Márcio P.; sala da Marcela P.; sala da Isadora T.



Figura 40 – Livros “em leitura” ou livros mais visuais, na horizontal: Escritório e quarto da Marcela P.; quarto da Isadora T.; quarto da Samantha K. e sala/escritório do Márcio P.

Por fim, considera-se, para fins desta pesquisa, que os livros compõem os ambientes comuns nas casas de amantes da literatura e das categorias profissionais citadas, sobretudo quando não há mais espaço para acomodá-los em estantes e armários nos ambientes mais intimistas <sup>29</sup>. Em contrapartida, esta relação também pode abarcar o desejo de “exibir-se” ao “outro” como parte de um conjunto intelectualmente diferenciado dos demais – desta vez, configurando uma ostentação a partir de uma relação verdadeira –, posto que os exemplares, ainda que intensamente envolvidos por relações singulares como estas, seguem contribuindo ativamente para a marcação de identidades, embora nem todos (e nem sempre) os entrevistados reconheçam e saibam necessariamente detectar os

<sup>29</sup> Fato evidenciado na totalidade das residências visitadas.

valores agregados por estas genuínas interações às suas imagens sociais <sup>30</sup>. No geral, as marcações aparecem acentuadas a partir do olhar do *outro*, que produz juízos a partir da relação de prazer estabelecida por este “grupo” – via leitura - e, principalmente, pela oponente exposição da materialidade do objeto. De todo modo, a presença do livro como elemento “gratuito” da construção de falsas identidades torna-se inexistente em ambientes nos quais as relações entre os que ali habitam e o presente objeto são de ordem visceral. E sua atuação como adorno torna-se praticamente nula em meio a tanta informação “visual”. Não que os livros não façam parte da “decoração” – eles compõem materialmente aquele espaço -, mas, ao fazerem, assumem sentido distinto daquele de ornamento ou de busca de *status* por falsificação percebido nas demais interações observadas.

#### 4.2.2

#### Apelo estético: prevalência da forma

Ao analisar a composição dos espaços internos modernos e constatar transformações, e maior liberdade, não apenas nas relações dos sujeitos com a família e com a sociedade, mas, sobretudo, nos estilos do mobiliário, Baudrillard (1973, p. 23) pressupõe que, modernamente, móveis e objetos passam a exercer como principal função “personificar as relações humanas, povoar o espaço que dividem entre si e possuir uma alma”. Esta perspectiva considera que a necessidade da função simbólica na constituição dos bens diminui efetivamente a relevância daquilo que, por “natureza”, lhes seria intrínseco. O reflexo desse movimento na decoração dos lares modernos, segundo esse viés, estaria marcado pela proeminência da função “culturalizada” dos elementos, em detrimento do valor de uso dos mesmos, promovendo, sobretudo, uma forte dependência da dimensão real em relação à dimensão moral dos objetos. Esta teoria sugere não apenas que o “valor combinatório” dos bens sobreponha o “valor absoluto”, mas que a “substância comestível” <sup>31</sup>, intrínseca ao objeto, ordene previamente seu uso

---

<sup>30</sup> A expressão “nem sempre” foi utilizada nesta colocação, em razão do depoimento de Marcela P. sobre a “ vaidade intelectual”, mas, deve-se advertir que, ainda que a escritora interesse-se em ser marcada pela inteligência, os entrevistados – inclusive ela - não souberam (ou não se sentiram à vontade em) listar os adjetivos possivelmente atribuídos às suas personalidades, em razão da proximidade com livros.

<sup>31</sup> Para fins da pesquisa, traduz-se “substância comestível” por valor simbólico e cultural dos bens.

- fato que, voltado ao campo da projeção dos espaços, subestima o gosto particular do sujeito, enquanto evidencia a coerência do “sistema cultural de signos”, que opera os bens segundo lógicas móveis e menos em função de suas “serventias originais”<sup>32</sup>:

A função menor dos inúmeros assentos que ocupam as revistas de mobiliário e de decoração é sem dúvida a de permitir que as pessoas se sentem. Sentem-se para descansar, sentem-se para comer. A cadeira não mais gravita ao redor da mesa”. (Baudrillard, 1973, p.50).

Baudrillard (1973) considera que esse movimento “cultural” dos bens, que desloca os objetos para cenários menos “habituais”, possui o consumo como o principal mediador das relações (entre objetos; entre sujeitos; e entre sujeitos e objetos). Portanto, transformados culturalmente em signos de um sistema universal - via consumo -, *livros*, *bibelôs*, *bar* e *espaços vazios* passariam, como apontou Baudrillard (1995), a constituir “espontaneamente” os ambientes modernos, traduzindo significações culturais a partir das experiências cotidianas.

Outrora os móveis confessavam sua função (...) Somos mais livres nos interiores modernos<sup>33</sup>. Mas isto se duplica num formalismo mais sutil, numa nova moral: tudo significa a transição obrigatória do comer, dormir, procriar, para fumar, beber, receber, discorrer, olhar e ler. As funções viscerais apagam-se diante das funções culturalizadas. O aparador continha a roupa branca; a baixela, o alimento; já os elementos funcionais são dedicados aos livros, aos bibelôs, ao bar, ao espaço vazio. O termo ‘requintado’, que é com ‘funcional’ um dos termos-choque da decoração dirigida, resume claramente esta **coerção cultural**. Os cômodos trocaram os símbolos da família pelos **índices das relações sociais**. Não são mais o cenário solene da afeição, mas o outro, também inteiramente ritual, da recepção. (Baudrillard, 1973, p.52-53 – **grifos meus**).

Observa-se, na presente pesquisa, que os livros são utilizados contemporaneamente sob a ordem deste mesmo sistema cultural de signos, que não se limita a significar sua função prática - a transmissão de conhecimento e cultura por meio da leitura, e a imagem social proveniente dessa relação -, como “significa” socialmente suas outras várias facetas - reflexo do acentuado simbolismo do objeto, que provém, sobretudo, do enaltecimento cultural da

---

<sup>32</sup> A “máquina de lavar serve de utensílio e actua como elemento de conforto, e de prestígio” (Baudrillard, 1995, p. 11).

<sup>33</sup> O site de decoração *Westwing*, na campanha *Design consagrado* (acesso em maio de 2013), acentua a liberdade estética na contemporaneidade: “ao decorar você não precisa que um único estilo prevaleça. [...]. Agora tudo é muito mais livre: misture estilos, invista na criatividade, combine referências [...]”.

prática da leitura e promove valores associados, já observados, como requinte, sofisticação, elegância, charme, conhecimento e cultura, entre outros termos nobres que também regem a disposição dos elementos nos lares contemporâneos.

Livros modernizam a decoração dos ambientes: com um ar elegante e sofisticado, os livros conquistam espaço como objetos de decoração e podem transformar os ambientes. Além de personalizar essas peças, contam um pouco sobre o perfil dos moradores da casa. (Ref. <http://www.bbel.com.br/galeria-fotos/livros-modernizam-a-decoracao-dos-ambientes.aspx>).

Pondera-se, portanto, que, no imaginário social, a “culturalidade” do livro, hoje, significa tanto ou mais que sua função primordial. Na decoração contemporânea, tema mais específico e pontual deste capítulo, observam-se os livros transcendendo os lares de leitores e escritores – locais por onde atuaram em intensidade relacional e quantidade material –, para envolverem-se livremente em relações sustentadas basicamente por estratégias de identidade e consumo, às quais se constituem pela sustentação do “aspecto estético” do objeto. Se, no primeiro caso, as relações fazem-se viscerais e constitutivas do sujeito, no segundo, mostraram-se frequentemente intencionais, quando o livro destacou-se, sobretudo, como elemento relevante da construção material da história e da personalidade dos donos da casa, mesmo embora fosse essa uma relação essencial e objetivamente construída, via estética. Nestes ambientes nos quais os leitores foram ausentes ou casuais, a função primordial apresentou-se frequentemente esmaecida – ou mesmo esvaziada - e os livros, com frequência, atuaram tão somente como enfeite e ornamento: para preencher espaços “vazios”, para tornar mais atraente o ambiente, para “aquecer” o espaço ou para atribuir falsos valores à identidade do sujeito. O estudo da cultura material sobre casas e posses, desenvolvido por Daniel Miller (2007), já havia sinalizado que, além de provocar efeitos nos consumidores, os objetos submetem-se a processos de transformação para melhor se adequarem às diferentes apropriações por parte do sujeito.

Considerando que a função menor dos assentos nas casas modernas era a de permitir que as pessoas se sentassem, considera-se aqui que a função menor dos livros, pela apropriação estética contemporânea, é a de permitir que as pessoas os leiam: visto que, para os fins a que se propõem na decoração, funcionam muito melhor fechados, uma vez que, deste modo, identificam mais rapidamente os

moradores, colorem mais harmonicamente os ambientes e, fixos em uma única posição, avesso ao livre manuseio, preenchem com mais constância os espaços vazios. Foram identificados, na pesquisa de campo, casos que evidenciam esta máxima, na qual a função culturalizada do livro - sustentada por sua estética e simbologia – anula a função primordial do mesmo. Em outras palavras, o “prazer de ver” se sobressai ao “prazer de ler” e o “prazer intelectual” é subestimado diante do “prazer físico”.

Já se tornaram corriqueiros, em livrarias, os clientes que entram e solicitam um livro bonito. Um livro grande sobre artes plásticas, moda, viagens: “Preciso de um que tenha uma capa verde, vermelha, amarela e preta”. E assim, de forma abrupta, o comprador disse tudo. (Trecho do blog *Livro Aberto*).

Nas imagens selecionadas, cadeiras, livros, sapatos e xícaras encontram-se esteticamente dispostos (FIG. 41), porém distantes das usuais e respectivas orientações de *sentar*, *ler*, *calçar* e *beber*; a ordem é apenas olhar, admirar, consumir e identificar. Para Baudrillard (1973, p. 69-70), no sentido moderno, o termo “funcional não qualifica de modo algum aquilo que se adapta a um fim, mas aquilo que se adapta a uma ordem ou um sistema”.



Figura 41 – A força estética do livro. A. Detalhe do *Studio do designer/Casa Cor* 2012; B. Detalhe do *Escritório/Loja MAC*; C. Apoiador de xícaras<sup>34</sup>.

Aprende-se, portanto, a partir da observação do tema, que a “utilidade”, no que se refere ao uso do livro neste campo específico, associa-se com maior frequência àquelas funções referentes menos à prática da leitura do que à estética e à marcação de identidade – definição da imagem do dono da casa (a real ou a construída) –, constituindo, sobretudo, pistas do modo como os sujeitos gostariam de ser, ou são, caracterizados pelo olhar do “outro” (*vide* trecho abaixo). Além do valor cultural (a substância comestível que carrega), o livro possui ainda, diferente de objetos mais propriamente estéticos e, portanto, mais “neutros”, o atrativo do conteúdo e da escrita – nos títulos, subtítulos e resenhas –, que facilitam a

<sup>34</sup> Referência da FIG. 67C.: <http://raphaelarabelo.com/tag/livros-na-decoracao/>.

identificação imediata daqueles que com ele, espontaneamente ou não, se relacionam.

Se você quer usar livros na decoração, deve escolher temas que lhe interessem, que falem sobre você, mostrem o que você é para quem visita sua casa e que você tenha vontade de folhá-los novamente. O livro é para ser um objeto de decoração *útil* e não apenas um item a mais! **Por isso escolha a imagem que quer passar às pessoas e divirta-se decorando!** (Ref. Blog Dicas de Mulher? – **grifos meus**).

Como ponto máximo do movimento de ressignificação do suporte de leitura, via apropriações estéticas, manifestam-se, sustentadas por apelos distintos, duas das formas mais representativas da valorização essencialmente “arbitrária” e “ostentatória” (Bourdieu, 2011) do livro na composição dos espaços contemporâneos: as lombadas falsas<sup>35</sup> e os adesivos. Considera-se, como resultado das observações, que as falsas lombadas, embora constituídas de vigorosa força estética, representam, principalmente, o reflexo de admiração e respeito ao livro como *suporte de leitura*, em virtude da força “intelectual” despertada pelo objeto no imaginário social. Dito de outra forma, esta apropriação do livro estaria alcançando aqueles que percebem a força cultural desse universo e, através da disposição material destes elementos – comumente réplicas de exemplares antigos -, desejam, sobretudo, apropriar-se de seus valores associados para agregar conceitos às próprias identidades. De todo modo, o contato não avança para a leitura efetivamente, uma vez se tratarem de exemplares fictícios. Os “adesivos de livros” (FIG. 42), por outro lado, destacam, prioritariamente, a “*força rigorosamente estética*” deste bem cultural (Bourdieu, 2011). Embora, por vezes, sejam comercializados a partir do apelo ao valor social do objeto e às relações intelectuais associadas ao universo livresco (*vide* segundo trecho abaixo), - acentuando o valor do livro como marcador social -, no mais das vezes, sua apropriação faz-se mais frequentemente regida pelo desejo estético de descontrair, colorir e alegrar os ambientes a partir do resultado exótico produzido pela junção de exemplares novos e edições antigas. O valor do livro neste caso, portanto, está restrito mais à estética que proporciona do que aos valores intelectuais relacionados, ainda que estes últimos contribuam largamente para a construção e a permanência da tendência.

---

<sup>35</sup> Analisadas no capítulo *As representações do livro na mídia*.

Enquanto as lombadas falsas reproduzem livros clássicos e tradicionais, os adesivos, por sua vez, acolhem dos mais variados formatos e gêneros (literatura, filosofia, arte, fotografia, psicologia, história) - não restritos, portanto, ao âmbito da arte, fotografia e viagem, como ocorre nas apropriações mais usuais do livro no atual campo da decoração como um todo. Os fragmentos abaixo, a partir de perspectivas distintas, ilustram esse processo.

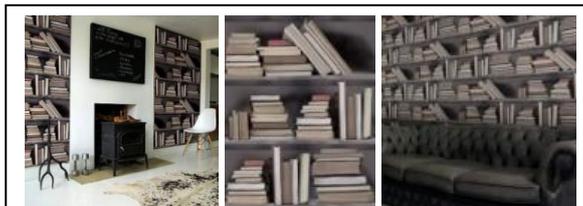


Figura 42 – Adesivos de livros: descontração pela estética  
(Fonte: Blog *Cria de Design*).

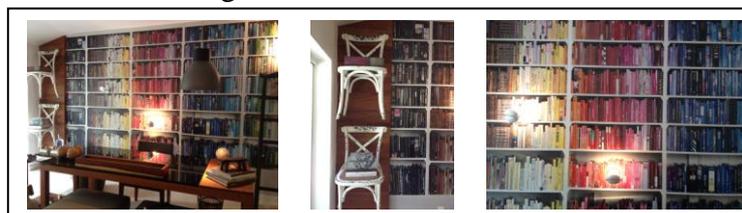
Se você é do time dos que gostam de ler e sonham em ter uma **biblioteca** em casa, vai gostar dessa novidade. A loja virtual *londrinaBouf* tem no estoque um papel de parede que imita uma estante de livros. Se a sua coleção não é tão grande assim, é só complementar colando o acessório na sala ou no escritório. (Ref. site *Casa e Jardim*, acessado em maio de 2013).

Para quem adoraria complementar a decoração com uma estante de livros como as que grandes intelectuais e estudiosos possuem em suas bibliotecas intimistas, mas afasta a ideia do pensamento tão logo se lembre da poeira acumulada por tais móveis, a solução pode ser esses adesivos que imitam prateleiras de livros. (Ref. blog *Cria de Design*, acesso em novembro de 2011).

Observa-se, ainda, que as falsas lombadas, reproduzindo edições antigas em quantidade considerável, não possuem a mesma conotação do uso pontual de livros antigos (falsos ou verdadeiros) nos ambientes, quando a motivação de uso do elemento nos pareceu propriamente estética, atribuindo aos espaços, além de cor e padronização, os valores de tradição e nostalgia despertadas pelo artefato cultural. Este segundo caso não configuraria uma forma extremada da representação do livro, visto que são outras as configurações e motivações do uso do elemento (FIGS. 43 e 44).

Figura 43 – Lombada falsa de livros<sup>36</sup>Figura 44 - Livros antigos pontuados na decoração<sup>37</sup>

Aproximando duas das linhas conceituais referentes ao uso do objeto de estudo na decoração, o *Escritório* - espaço projetado na renomada loja de decoração *MAC*, em Ipanema -, evidenciava, além do adesivo, livros sustentados por cadeiras suspensas na parede (FIG.45): ocorrências que, instantaneamente, nos remetem à proposta de Baudrillard (1973), no tocante à força de atuação da função culturalizada dos bens na constituição dos espaços. Se, para Gabriel Zaid (2004, p.15), “exibir livros não lidos é como emitir cheques sem fundos – uma forma de iludir seus convidados”, qual seria a consideração do autor diante de exposições desta ordem, calcadas restritamente na representação visual do objeto, no uso exclusivo de sua imagem e valores?

Figura 45 – Escritório da loja decorativa *MAC*: reunião das tendências

As fontes analisadas para a composição de um estudo de campo mais “oficialmente” respaldado – via entrevistas com arquitetos<sup>38</sup> e visitas a blogs e sites que envolvem o livro em assuntos decorativos<sup>39</sup> - comprovaram a movimentada inclinação à valorização do artefato cultural pesquisado na categoria de “objeto” (*vide* trechos abaixo), apontando as “ordens” que regem sua atuação fundamentalmente estética. Joana K., uma das arquitetas entrevistadas, confirma o “modismo” e a maior incidência do livro em ambientes e eventos decorativos,

<sup>36</sup> Thompson, Damian (1962).

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> Glória N. e Gustavo O., arquitetos de espaços distintos da *Casa Cor Rio* 2011; e Joana K., arquiteta de um dos espaços do *Casa Cor Rio* 2012, constituem as fontes de entrevistas realizadas para enriquecer a pesquisa.

<sup>39</sup> A título de referência e pesquisa, os sites e blogs observados foram: *Livro Aberto*; *No mundo dos livros*; *Correio do Estado*; *Dicas de Mulher*; *Jung2*; *Our happy our*; *Assim eu gosto*; *Casa e Jardim* e *Cria de Design*; *bbl* e *modait*.

atribuindo a tendência e o avanço presencial do objeto não apenas ao arraigado valor cultural deste bem e aos seus *status* de seriedade, intelectualidade e elegância – este último, manifestado indiretamente pela presença de bibliotecas em casas e escritórios –, mas, principalmente, ao fato de livros serem objetos acessíveis, bonitos, diferentes e facilmente combináveis, tornando-se uma espécie de “coringa”, uma vez que preenchem e integram qualquer espaço. Por adequarem-se aos diferentes usos, bens e ambientes (FIG.46), a arquiteta os considera elementos “camaleão” na decoração contemporânea, confirmando a proposta de Miller (2007) acerca dos processos de transformações aos quais os bens são submetidos para melhor acomodarem-se às diferentes apropriações.

Você vê, aqui tem livros, revistas, livros e integram com objetos. Se tivesse só objetos, ia ficar completamente poluído. Até na arquitetura mais *clean*, as pessoas colocam um livro colorido, um livro de arte, assim, sozinho. O livro pode ser presente, porque ele é um objeto muito neutro. Ele sendo grande, vira um objeto grande muito minimalista; ele sendo pequeno e você já colocando vários, ele já integra num espaço que tem muitos detalhes. Então, assim, ele é muito camaleão. [...] Então eu acho que, por isso, que ele entrou na moda [...] Se você pegar qualquer revista de decoração, vai ter um livrinho; qualquer um; não tem mesa de centro sem dois livrinhos. (Trecho do depoimento de Joana K.).



Figura 46 – Livro: um elemento “coringa” na decoração  
(Imagens da Revista *Leroy Merlin*)

Como elemento constituinte deste campo essencialmente estético, o uso do livro mostrou-se orientado por direções práticas que determinam desde os melhores espaços domésticos para exibi-los – salas de jantar, salas de estar, quartos e *halls* (embora não haja qualquer tipo de restrição de uso e apareçam livremente em cozinhas e lavabos) - até locais onde comprá-los<sup>40</sup>, formas de armazená-los (comumente na horizontal<sup>41</sup>) e maneiras de organizá-los (pequenos

<sup>40</sup> Além das livrarias e sebos, blogs como o *Assim eu gosto* indica a compra no site da loja virtual *Amazon*, em função dos preços elevados do livro decorativo no Brasil: “Eles têm uma variedade enorme de títulos e entregam no Brasil. A boa notícia é que não é cobrada taxa de importação sobre livros e o preço fica bem menor do que nas livrarias”. (Fonte: <http://assimeugosto.com/2011/05/30/livros-na-decoracao/>).

<sup>41</sup> O email de uma arquiteta a um casal de clientes - amigos da autora da dissertação – confirma a orientação horizontal dos livros na decoração: “queria só vos lembrar que como projetamos as

grupos “piramidais”, dispostos horizontalmente junto a outros elementos decorativos; ou combinados na horizontal e na vertical com objetos maiores), de modo a evitar as desarmonias estéticas. Na decoração, presos à forma, os livros funcionam desde enfeites - de estantes, móveis e parede (algo, até então, inusitado) - a apoiadores de pequenos objetos (FIG. 47) e participam de atuações diversas, fundamentadas em sua materialidade - ao contrário dos livros literários, filosóficos, históricos e afins, comumente englobados por uma única e ampla função, que é a leitura <sup>42</sup>. Enquanto aos livros finos e de tamanho médio são concedidos espaços em mesas de centro (Ref. blog *Dica de Mulher*); aos livros de “capa dura” e esteticamente atraentes foram atribuídas as funções de acrescentar harmonia e cor aos cômodos – transformá-los esteticamente -, insinuar traços da personalidade e história dos moradores (Ref. blog *Assim Eu Gosto*) e preencher os vazios (Ref. blog *Our Happy Our*); os livros mais grossos e resistentes são comumente estimulados a participar da “produção” de esculturas (FIG. 47H), mesas de apoio, mesas de centro (FIG. 47E) e banquetas estilizadas. Os arquitetos Glória N. e Gustavo O. observam que o objeto de estudo, apesar de permanecer nas estantes, também desloca-se a outros espaços, sendo exibido sob cadeiras e mesas centrais ou laterais, embaixo de mesas e aparadores e “até no chão, para mostrar espaço mais despojado de quem coleciona arte” (fragmento do depoimento de Glória N.).

---

prateleiras da sala, a intenção é uma organização de **livros deitados**. Em alguns pontos dá para por em pé, mas a maioria é mais deitado. Assim, a organização das prateleiras acentua essas linhas horizontais que criamos”. No entanto, a apropriação do objeto na decoração dos espaços não constituiu desejo e necessidade dos clientes, que, por consequência, também não influenciaram na posição na qual iriam se dispor. Os livros do casal, próprios de leitura, continuaram armazenados nos armários do quarto.

<sup>42</sup> Embora esses livros também participem da reivindicação de *status* do saber, de forma natural ou por blefe. A pesquisa foi insuficiente na categorização física de livros literários e afins no tocante aos gêneros e aos espaços a eles destinados nas casas de leitores.



Figura 47 – Livro: objeto multifuncional: A. escultura e mesa lateral; B. prateleira suspensa; C. apoiador de objetos/*Dicas de Mulher*; D. apoiado na mesa de centro/*Our happy our*; E. na construção de uma mesa de centro; F. apoiados verticalmente na parede (não muito usual); G. agrupados em formato de pirâmide/*Jung<sup>2</sup>*; H. “Escultura”/*Assim eu gosto*; J. prateleira suspensa/*Mundo dos livros*.

Despidos, portanto, da função de pesquisa, leitura e reflexão, como estariam para Benjamin (1995), Jorge Luis Borges (1985), Sartre (1964), Eco e Carrière (2010) e leitores em geral, os livros, como elementos decorativos, também atuam, segundo os arquitetos entrevistados, como suporte de criação e sustentação da “história” da casa, atribuindo-lhe vida e aspectos do real: “uma casa que não tem livro é uma casa sem história. Para ser aconchegante, a casa tem que ter elementos que tornem os ambientes atrativos: livros, tapete e obras de arte” (fragmento do depoimento da arquiteta Glória N.). Entretanto, sob uma perspectiva um tanto divergente, Joana K. considera a participação de livros na história de uma casa apenas quando constituem, necessariamente, *também* elementos da história de seus respectivos moradores: “você vê um livro de urbanismo, meu marido é urbanista; de História da Arte, eu estudei isso, então aquilo ali faz parte de uma história nossa que veio pra dentro da nossa casa”. Glória N., no entanto, curiosamente, afirma existirem clientes “sem histórias”, cabendo ao arquiteto a tarefa de construí-la, entre outros recursos, a partir da aquisição de livros por metro linear em sebos – uma iniciativa que Joana K. desqualifica, assim como também o faz em relação ao uso de bibliotecas para aqueles clientes que, avessos à leitura, pretendem apropriar-se esteticamente de um estilo que não os identifica e representa. Estas duas apropriações, dependendo das intenções de quem as buscam, podem representar características semelhantes às das falsas lombadas, principalmente se o desejo for atribuir, propositadamente, o valor intelectual do

livro à própria imagem. Mas, por outro lado, também constituem apropriações apenas estéticas que se alimentam da materialidade do objeto para atribuir ritmo, cor, história, aconchego e tradição aos espaços.

O livro é um objeto de decoração. Conheço pessoas, e clientes, que compram livro por metro linear, porque não tem livro suficiente pra decorar a casa como gostaria. O livro, na verdade, aquece o ambiente, traz uma história pra dentro da sua casa. [...] Algumas são até leitoras outras não tanto, mas querem uma mega biblioteca em casa, a biblioteca é uma coisa chique, bacana, eu acho, e muita gente acha também. Só que a biblioteca tinha uma função antigamente, que era ler. Muita gente chega aqui e quer uma estante igual a minha, uma biblioteca na sala de jantar (pessoalmente, eu adoro), mas ela não é uma pessoa leitora. Eu sou arquiteta, tenho muito livro, a gente pesquisa, o meu marido faz doutorado. Temos realmente o hábito de ler. Acho que é modismo. Está na moda usar livro na decoração. Aí vai em sebo, compra não sei quantas prateleiras de livro pra encher, de qualquer assunto, matemática sei lá, e encaderna aquilo. Como se você tivesse comprando um objeto qualquer, comprando um quadro. (Trecho do depoimento de Joana K.).

Entre o campo estético, no entanto, observa-se uma forte inclinação aos exemplares mais conservados (ref. site *Correio do Estado*). Glória N. considera imprescindível para a apropriação estética do objeto a beleza da capa e o volume apropriado a cada espaço, descartando a presença de livros manuseados e antigos em mesas de centro e prateleiras, embora Gustavo O<sup>43</sup> acentue e priorize a liberdade do livro nos espaços. De todo modo, as edições novas ou luxuosas foram mais atuantes, na pesquisa, do que as edições antigas, que, por sua vez, se observaram restritas a situações particulares: às falsas lombadas e às aquisições estéticas por metro linear, observadas anteriormente; aos espaços de colecionadores e amantes da leitura, como parte de um consumo menos estético e mais afetivo e intelectual; e aos espaços de adeptos do elemento clássico e tradicional na decoração – a partir da presença pontual de exemplares<sup>44</sup> –, constituindo um consumo bastante estético, embora houvesse valores culturais e afetivos envolvidos. Todavia, quando o público é não leitor, mas opta por adquirir exemplares “tradicionais” (novos, antigos ou luxuosos, de gêneros como literatura, filosofia, poesia e afins) e exibi-los socialmente nos cômodos comuns da casa, essa ação significa a concretização material da valorização social do livro

<sup>43</sup> Um de seus clientes possui uma biblioteca particular de mais de cinco mil exemplares, à qual disponibiliza uma bibliotecária para cuidados especiais diários. Os títulos mais raros e antigos são reservados em vitrines de vidro – uma relação bastante próxima à de colecionador.

<sup>44</sup> Embora, ainda que o apoio esteja no valor nostálgico proporcionado por esta categoria de livro, esses exemplares, frequentemente, apenas simulem ser um objeto desgastado e manuseado.

e, acima de tudo, o desejo deste público em participar do universo livresco, ainda que apenas esteticamente. Em outras palavras, o sujeito admira o contexto intelectual do qual o livro participa ativamente e busca, pela participação passiva, alimentar uma relação não espontânea. Pode-se denominá-los, por analogia à proposta de Bourdieu (2011), como os “pretendentes pretensiosos” que, inspirados nos “detentores distintos” (leitores e intelectuais), apropriam-se dos “sinais exteriores” representativos da cultura e do conhecimento, por blefe ou usurpação, para simularem uma “condição superior” (ref. Bourdieu, 2011, p. 235-236)<sup>45</sup>. Cãnfora (2003) contribui para a reflexão sugerida:

É evidente que estamos diante da ostentação de alguém que na realidade não lê. (...) ‘É como um cego diante da beleza de um rapaz’, talvez imagine que ‘as estantes se impregnam de doutrina ao sustentar os escritos de tantos doutos autores’. Tais são alguns dos motivos mais comuns utilizados nesse gênero de invectivas. (Cãnfora, 2003, p. 44-45).

A apropriação do livro como elemento meramente ornamental pode ainda aproximá-lo do conceito de “obra de arte” - quando é percebido, sobretudo, segundo uma “intenção propriamente estética” (Bourdieu, 2011) na qual prevalece a forma. Além de atrair avessos à leitura, os livros “vistosos, de grandes dimensões, e impressos em papel de altíssima qualidade, que podem custar mais de mil reais” (site *Correio do Estado*), acentuam o *status* de “obra de arte”, sofisticação e requinte do livro, agora pelo viés financeiro e não mais apenas conceitual.

Se a obra de arte é exatamente, conforme observa Erwin Panofsky, o que exige ser percebido segundo uma intenção estética (*demands to be experienced esthetically*) e, se por outro lado, qualquer objeto, seja natural ou artificial, pode ser percebido segundo uma intenção estética, como escapar à conclusão de que é a intenção estética que “faz” a obra de arte ou, transpondo uma fórmula de Saussure, que é o ponto de vista estético que cria o objeto estético? Para sair do círculo, Erwin Panofsky tem de conferir à obra de arte uma “intenção” no sentido da escolástica: uma percepção puramente “prática” contradiz essa intenção objetiva, da mesma forma que uma percepção estética constituiria, de algum modo, uma negação prática da intenção objetiva de um sinal [de trânsito]. (Bourdieu, 2011, p. 32).

---

<sup>45</sup> Bourdieu (2011, p. 235 e 236) não se propõe a observar as diferentes apropriações do livro, claro, mas suscita análises interessantes ao abordar distinções sociais por meio da apropriação de bens simbólicos. Neste caso específico que finaliza esta seção, o autor referia-se aos sinais externos da riqueza e o blefe por meio de “poses, aparências e apresentações”.

Pontua-se, por fim, que o consumo do livro em residências de não leitores significa, senão uma busca pelo conhecimento, uma espécie de “esforço de apropriação cultural” (Bourdieu, 2011), através da estética, influenciada, entre outros fatores, pelo efeito da imagem social dos intelectuais, que se constrói, sobretudo, em cima da relação natural estabelecida com os livros. Esse esforço configuraria, portanto, uma apropriação “interesseira” do objeto? Uma busca pelo *status* social promovido pela presença e acúmulo de um “capital cultural reconhecido”<sup>46</sup>: o livro? Somente o interesse estético propiciado pela forma material deste elemento? Ou a soma de todas essas proposições? Não há uma única resposta que dê conta de todas essas questões, apenas a suposição de que, por meio da simbologia e da liberdade estética proporcionada, ainda, pela portabilidade do objeto, os livros estejam ainda mais “receptivos” a novas propostas - diversas e singulares -, embora seja teoricamente sugerido que consumir o mesmo bem não significa consumi-lo da mesma forma, para o mesmo propósito, alcançando o mesmo efeito e consequência (Bourdieu, 2011). O consumo de livros como elementos decorativos, ao contrário do consumo de livros pelo conteúdo oferecido, não confere competência cultural ao sujeito, ainda que seja esse frequentemente o respaldo que sustenta a apropriação do objeto em determinados contextos (a decoração, por certo, constitui um deles). À semelhança da apropriação particular de obras de arte (Bourdieu, 2011), a apropriação de livros, reservadas as devidas proporções, tende a produzir uma espécie de “exibicionismo ingênuo do ‘consumo ostensivo’ que procura a distinção na exibição de um luxo mal dominado” (Bourdieu, 2011, p. 34) – neste caso, regido menos pela ordem do capital financeiro do que pela ordem do capital cultural, posto que, geralmente, não é o valor de custo do livro o fator determinante destas relações<sup>47</sup>, embora seja alto seu valor médio.

Como reflexo do elevado valor cultural do livro, conclui-se esta seção observando a expansão social deste bem material a lojas de roupas e elementos decorativos – orientadas ao público jovem, moderno ou elegante – que utilizaram o objeto de estudo para, implicitamente, compor suas identidades visuais e

---

<sup>46</sup> Expressão sugerida por Bourdieu (2011).

<sup>47</sup> Embora existam grupos sociais que se apropriam de livros raros e edições limitadas e cultivam relações com o objeto como efeito de investimento financeiro.

institucionais ou para participar, direta ou indiretamente, da tendência contemporânea da decoração de interiores. A *Olhar do Brasil* com abajour e estampa de livros na vitrine; a *Redley* com livros de *surf* e viagem nos trocadores; a *Farm* com livros antigos distribuídos organizadamente pela loja; a *Addict* com livros de Machado de Assis, junto a um violão, ornamentando a “arara” de roupas; a *Elle et Lui* com livros na decoração interna; a *Cantão* com livros na ornamentação das cabines; a *Espaço Fashion* com uma miniatura de bicicleta apoiada sobre um exemplar, no centro da loja; a *Eclectic* com livros de música, moda e arquitetura, colorindo filiais como as de Ipanema e Leblon; e a *Richards Selaria* e a *Elle et Lui Maison* trazendo livros antigos na vitrine, evidenciaram, na prática da pesquisa, diferentes considerações observadas na teoria (FIG. 48). A loja de decoração *Mosaico* expunha, em destaque nas duas vitrines do espaço, livros antigos para fins meramente decorativos.



Figura 48 – Os livros nas lojas: A. *Redley* – Leblon Dez/2011; B. Machado de Assis na *Addict* – Leblon Ago/2012 ; C. *Espaço Fashion* – Ipanema Jun/2013; D. Livros antigos na vitrine da *Mosaico* – Botafogo Jun/2013; E. *Abajour* com estampa de livros na *Olhar do Brasil* - Ipanema Nov/2011; F. Livros na *Eclectic*, de Ipanema (1); e Leblon (2) – Jul/2013; F.; Livros na vitrine da *Richards Selaria* – Leblon Ago/2013.

### 4.3

#### **Casa Cor Rio: livros constitutivos, decorativos e representativos.**

Ao observar que a *Casa Cor Goiás* 2008 centrava-se na valorização da leitura, com “investimentos” não somente em ambientes propícios à prática – “O ato de ler foi pensado com cuidado”<sup>48</sup> -, mas também em mobiliário e ambientação adequados a ela (poltronas macias, mesas de apoio, iluminação e

<sup>48</sup> Comentário de Christine Abreu Helou, arquiteta do espaço *Livraria* da *Casa Cor Goiás*. Em: <http://www.mundomulher.com.br/?pg=17&sec=24&sub=62&idtexto=6991>. Acesso: outubro 2011.

cores relaxantes), com a pretensão de tirar os livros do “sacrário”<sup>49</sup> – arrancá-los daquele templo mencionado por Sartre (1964) e despir a sisudez de seus espaços -, acentuaram-se o desejo e a necessidade de aprofundar o estudo acerca do lugar do livro na decoração contemporânea<sup>50</sup> e mergulhar mais profundamente no campo “oficial” desta área de atuação. Este movimento foi proporcionado por visitas às edições cariocas de 2011 e 2012 do que é atualmente considerado o maior evento de arquitetura e decoração das Américas, e o segundo maior do mundo<sup>51</sup> - a *Casa Cor* - e pela realização de entrevistas com três renomados arquitetos da referida mostra, já citados anteriormente: Joana K. (da edição de 2012), Glória N. e Gustavo S. (ambos da edição de 2011), material que possibilitou observar que se mostram igualmente contemplados neste amplo campo estético os dois caminhos identificados nas sessões anteriores.

A título de contextualização, foram contabilizados, na *Casa Cor Rio* 2011, 27 cômodos contendo livros em suas composições, em um total de 54 espaços. Na edição de 2012, por sua vez, contabilizaram-se 34 de um total de 50 ambientes<sup>52</sup>, resultando em um aumento considerável de 18 % no que se refere à participação dos livros nas projeções de interiores. Dentre os cômodos dos quais esteve ausente nas duas edições da mostra<sup>53</sup>, observou-se que grande parte ou constituía locais nitidamente distantes do universo do livro - lavanderia, rouparia e centro de estética - ou compunha parte da estrutura do evento: recepção, saída, *lounge* de

---

<sup>49</sup> Segundo informações divulgadas pelo site *Mundo Mulher* – *idem*.

<sup>50</sup> Caminho de pesquisa sugerido pelo prof. Dr. Everardo Rocha, na disciplina do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio: *Representações do consumo*.

<sup>51</sup> Informações disponíveis no site do evento – [www.casacor.com.br](http://www.casacor.com.br). Acessado em 30 de outubro de 2011.

<sup>52</sup> Lembrando que os livros que compunham os dois espaços destinados a comercializar artefatos do evento de 2011 não foram contabilizados, anulando estes ambientes na contagem final; os ambientes *Mercearia da Casa*, *Galeria da Gávea* e *Livraria da Travessa*, destinados à venda de objetos, também foram dispensados da contagem da edição de 2012.

<sup>53</sup> Na *Casa Cor 2011*, os 25 ambientes sem livros na composição foram: Lavabos, toilets e banheiros (02), fachada (01), louceiro (01); joalheria (01); recepção/bilheteria (01); praça de alimentação (05), banheiros “públicos” (02); *Lounge da saída* (01); e *Praça Casa Cor* (01); *Atrium*; *Grande hall*; *Solarium*; *Mini copa*; *Adega*; *Sala bar*; *Sala de música* e ambientes externos como o *Jardim dos pavilhões*; a *Deca garden lounge*; o *Terrace bar*; o *Jardim de entrada*; e o *Jardim do living*. Dos 13 espaços nos quais os livros estiveram ausentes na Casa Cor 2012, estavam *Restaurante*, *Banheiro público*; *Armazém e café*; *Flashback bar*; *Lobby recepção*; *Lounge de informação*; *Lavanderia e rouparia*; *Beauty Center*; *Espaço Orlean*; *Villa 90 Home*; *Varanda*; e *Pátios internos*. Os espaços *Mercearia da Casa* e *Galeria da Gávea* não foram contabilizados, em função de constituírem espaços de vendas de objetos - assim como a *Livraria da Travessa* também não o foi, embora contivesse muitos livros na composição.

informação, banheiros públicos, pequenos cafés, praças e jardins. De todo modo, livros não foram utilizados apenas em ambientes previstos. Banheiros e salas de banho (06 dos 06 espaços projetados)<sup>54</sup>, *Chapelaria*, *SPA*, *Sala de pic nic* e cozinhas (02 dos 04 ambientes) foram alguns dos cômodos inusitados nos quais arquitetos e decoradores apropriaram-se da força estética e cultural dos livros na *Casa Cor Rio* 2011 (FIG. 49), locais nos quais a função de suporte de leitura cedeu, portanto, ao valor visual do objeto. Na edição de 2012 (FIG. 50), por sua vez, livros funcionaram como recurso decorativo em espaços insólitos como a *Joalheria*, por onde se contemplava o instrumento-símbolo da leitura a partir de um único exemplar encapado; o espaço *Deca Concept Home*, que se apoiou no peso de nomes como Marcel Proust e Adam Smith na constituição dos ambientes; e nos espaços voltados à alimentação, onde a gordura usualmente desencoraja o uso manual de livros: o *Snack Bar* – com referências musicais e literárias (livros e placa com citações de Nietzsche, Kant e Frank Sinatra) - e o *Cocktail Bar*, com livros antigos e uma “caixa-quadro” contendo outros títulos, além de bibelôs.

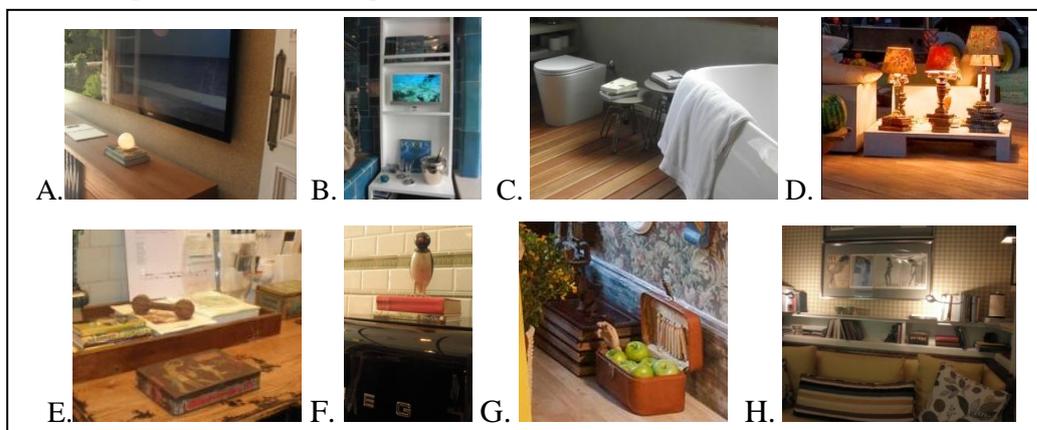


Figura 49 – Livros em cômodos inusitados no *Casa Cor Rio* 2011: A. *SPA*; B. *Sala de banho do casal*; C. *Suíte do hóspede*; D. *Sala de pic nic*; E. *Cozinha gourmet*; F. *Escritório do chef*; G. *Chapelaria*; e H. *Sala de vestir do casal*.



Figura 50 – Livros em cômodos inusitados no *Casa Cor Rio* 2012: A. *Joalheria*; B. *Snack Bar*; C. *Deca Concept Home*; e D. *Cocktail Bar*

<sup>54</sup> Oposto das composições de 2012, quando apenas um lavabo exibia livros.

Por outro lado, livros foram presença quase obrigatória em suítes e quartos, que constituíram, em ambas as edições, os locais com maior incidência de utilização deste artefato cultural tanto para fins de leitura como para fins decorativos. Em números, todas as 06 “suítes” da *Casa Cor 2011* e todos os 12 *flats*, estúdios ou apartamentos da *Casa Cor 2012* contemplaram o objeto, em maior ou menor quantidade, com variações de gêneros e funções. Em 2012, destacou-se, sobretudo, o investimento nessas conceituações mais complexas de ambientação - apartamentos, *flats* e estúdios, reduzindo a ocorrência de ambientes avulsos -, pelas quais se reforçaram as relações entre objetos e profissões, apontadas no estudo da representação do livro na mídia. Logo, espaços como o *Apartamento da fotógrafa*, *Studio do designer*, *Apartamento da decoradora*, *Estúdio do chef* e *Estúdio da estilista* associavam livros aos referidos universos profissionais, junto a outros elementos intrínsecos a estes ofícios, de acordo com as peculiaridades de cada grupo (FIGS. 51).

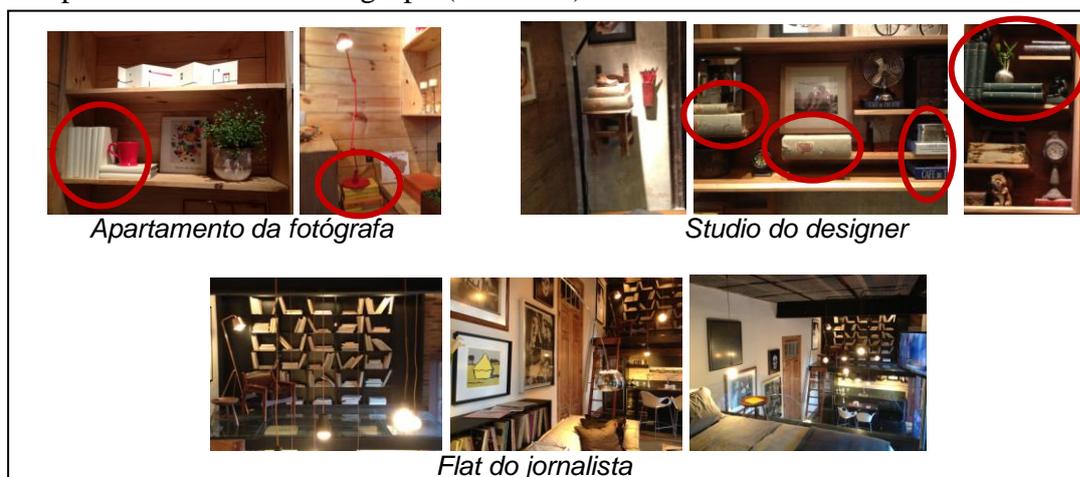


FIG. 51 – Livros marcando profissões no *Casa Cor Rio 2012*

A proposta do livro no espaço *Studio do designer*, por exemplo, contempla não tanto a funcionalidade do suporte, mas a simbologia do objeto e o conceito estético de tradição, marcados pelo uso pontual de edições antigas e clássicas no ambiente. Márcio P., um dos leitores entrevistados para a composição das reflexões da seção 4.2.1, reforça associações desta natureza, quando propõe considerações semelhantes no tocante à relação do cunhado decorador com livros. Estas duas ocorrências marcam, portanto, as singularidades de ambas as referidas profissões nas relações com o objeto de pesquisa.

Na casa deles, eles não leem nada, muito pouco. O marido dela até mais um pouquinho, ele coleciona..., ele gosta, ele é meio decorador, ele gosta de coisa antiga... Mais pelo símbolo da coisa, ele lê também, mas ele não é um cara que discuta, sente pra discutir um livro com você, não é isso, mas eu me lembro, ele foi até à *Praça XV* comprar uma *Larrousse*, achou lá e achou bonita e comprou, botou na sala deles, é, ficou lá, ele comprou outros livros que ele botou também de enfeite em cima. (Trecho do depoimento de Márcio P.).

No *Flat do jornalista*, no entanto, essa observação se inverte. Embora os arquitetos tenham priorizado a relação a partir da representação do objeto – uma biblioteca de livros encapados por papel pardo –, o valor intensificado naquele ambiente é o da consulta, do conhecimento, da curiosidade e do entretenimento, compondo um espaço descontraído, moderno e repleto de referências literárias, artísticas e musicais, marcadas, respectivamente, por livros, quadros e LPs<sup>55</sup>. Em contrapartida, no *Apartamento da fotógrafa*, títulos de fotografia e arte funcionam como elementos decorativos no chão – apoio de luminária - e na mesa de centro, colorindo o espaço. Observou-se também a presença de exemplares todos “brancos” na horizontal e na vertical, marcando uma apropriação fundamentalmente estética.

Segundo Joana K., o uso de livros encapados tradicionalmente, com grifos de título e autor, constitui recurso bastante comum na decoração, em razão da padronização e do ritmo que atribuem às prateleiras. A arquiteta, no entanto, busca justificar o uso de capas brancas, pardas e coloridas nos ambientes da *Casa Cor*, assumindo-as como principal meio de conceituar o uso das capas tradicionais, sem, contudo, desprezar os eventuais custos adicionais de produção. O *Apartamento dos filhos* utilizou este recurso, agora com livros coloridos, mas foi o *Lounge* o ambiente que ofereceu maior destaque a esta atuação do objeto (FIG. 52) - ambos os espaços, da *Casa Cor Rio 2012*, também destacavam livros destinados à leitura. Na figura 53, observam-se demais ocorrências nas quais a utilização do objeto resulta da mesma intenção: padronização de cor e atribuição de ritmo aos ambientes. No trecho abaixo, Joana K. busca levantar as supostas inspirações que teriam motivado o espaço *Lounge*:

Ela [a arquiteta] queria unificar, porque se ficasse tudo muito colorido ia perder a unidade que ela queria dar ali. Foi a forma que achou de manter essa coisa do livro,

---

<sup>55</sup> Todavia, Joana K. não percebe essa relação tão próxima entre livros e jornalistas nas composições dos ambientes domésticos particulares assinados por ela.

porque é bonito e dá um ritmo também. O livro, ele tem um ritmo, que é bonito. Então, você utilizar esse ritmo, você ter o livro – que tá na moda, que é legal, é um objeto bacana – e não perder a identidade dele, porque se for cada um de uma cor – você já está usando cada um de um tamanho - ela não queria cada um de uma cor, então ela padronizou a cor e aí manteve cada um de um tamanho, a cor ela pode te atrapalhar, em qualquer momento, com as outras cores do ambiente. (Trecho do depoimento de Joana K. em relação ao espaço *Lounge* da *Casa Cor Rio* 2012).



Figura 52 – O ritmo dos livros: A. *Lounge*; B. *Apartamento dos filhos*



Figura 53 – Cor e ritmo: A. *Sala de convivência*; B. *Living* (Casa Cor Rio 2012); C. imagens do livro *Books make a home*.

Referente aos gêneros mais requisitados, considera-se que, enquanto na biblioteca do avô de Sartre (1964) a grande concentração era de clássicos, gramáticas e romances (as poucas obras sobre arte o haviam sido ofertadas por alguns alunos), na decoração contemporânea, usualmente, é justamente a minoria que sobressai. A utilização de clássicos da literatura, filosofia e história - gêneros pouco usuais no ramo, segundo Glória N. -, foram observados nas duas edições, embora com mais êxito na segunda. Para a arquiteta, estes gêneros compõem os espaços contemporâneos somente em situações especiais, quando o cliente é leitor e solicita seu uso. Gustavo S. complementa: “na decoração, a maior parte prefere os de arte para serem expostos sobre mesas”. Conclui-se, portanto, que cômodos como *Sala de vestir do casal*; *Suíte da filha do casal*; *Hall dos quartos*; *Quarto das crianças*; e *Suíte do hóspede* – da *Casa Cor Rio* 2011 – e os cômodos *Sala de leitura* (destaque explícito ao universo livresco); *Flat do jornalista* (ainda que marcado somente representativamente, com poucos exemplares reais); *Estúdio 1*; *Business Center*; *Loft + Rio*; *Apartamento dos filhos*; e *Lounge do hotel* – da *Casa Cor Rio* 2012 - parecem terem sido projetados para leitores em potencial. Encontramos, além dos livros de arte, títulos de Otto Lara Resende, Érico

Veríssimo, Jorge Amado, José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Olavo Bilac, José Saramago, Sidney Sheldon, Ernest Hemingway, Charles Dickens, Conan Doyle, William Faulkner, Oscar Wilde, Shakespeare, Jean Gennet, Platão, Max Weber, Aristóteles, Maquiavel e Voltaire. Projetada para uma jovem escritora, na *Suíte da filha do casal* (*Casa Cor Rio* 2011), o número de exemplares foi bastante significativo (FIG. 54A). Por toda a parte, em cada detalhe da decoração deste espaço, encontravam-se ainda títulos que remetiam à paixão pelo livro e pela leitura: *Ler, Viver*; *A arte de ler*; *Um livro por dia*; *O negócio dos livros*; *Biblioteca*; *Livro e liberdade*; *A Paixão pelos livros*, entre outros. Na edição de 2012, destacam-se os espaços *Business Center* (FIG. 54B), *Lounge do hotel* (FIG. 54C) e *Sala de leitura* (FIG. 54D) como verdadeiros tributos ao objeto, contemplando livros nos quadros, nas paredes (como “tijolos”), e, em grande quantidade, nas estantes e no chão - abertos, fechados, amarrados, “censurados” –, compondo uma variedade grande de uso. Destacou-se ainda a presença da *Livraria da Travessa* na mostra<sup>56</sup>.



FIG. 54 – “Tributo” ao livro no *Casa Cor Rio*

<sup>56</sup> Além de reforçar o elevado valor simbólico do livro na decoração, a presença da *Livraria da Travessa* e a opção em comercializar livros mais coloridos e com temas mais voltados para a arte, fotografia, culinária e viagens na mostra de 2012 acentua estes gêneros para a apropriação estética do objeto.

Alguns profissionais promoveram “novas” funcionalidades sociais para o objeto – como já observado nas fontes digitais analisadas anteriormente –, evidenciando seu uso como prateleira, mesa de apoio, mesa de centro, aparador de pequenos objetos e apoiador de luminárias de mesa, além de atuarem, esteticamente, sobrepostos em poltronas e cadeiras, bem como empilhados no chão (FIG. 55), confirmando, novamente, as tendências detectadas na seção 4.2. No espaço *Living* da *Casa Cor Rio 2011*, os livros foram recostados em escadas, cadeiras, mesas, chão e banquetas, enquanto, na mesma edição, o espaço *Cocktail Lounge Bar*, projetado pelo arquiteto e designer Jairo de Sender, maximizava a simbologia do objeto, através da presença de uma peça de papelão simulando livros sobrepostos<sup>57</sup> (FIG. 55D). Na edição de 2012, alguns ambientes também lançavam novas estratégias na utilização do livro, embora tenham reduzido o número de aparições do objeto nas funções de prateleiras e mesas em geral. O próprio uso de “capas” de papel pardo ou tecido, ocultando dados relevantes do conteúdo, como título e autor, constituía um desses exemplos. Foram identificadas ainda aparições curiosas que traziam livros envoltos por cintos (FIG. 56A); amarrados com barbante; riscados; e “censurados” (FIG. 56B) – uma referência a obras do artista plástico Alejandro Somaschini. No tocante à complementaridade dos bens (McCracken, 2003), acrescentando informação à pesquisa iniciada no capítulo 3, destacou-se, especialmente nas duas mostras analisadas, a aproximação do livro a elementos como sapatos, quadros, esculturas, miniaturas de moto e bicicleta, óculos, globo-terrestre, escadas móveis, máquina de escrever e lupas (FIG. 57), embora seja reconhecidamente um bem facilmente combinável a tantos outros elementos. De todo modo, salvo raras exceções, o livro associou-se a objetos relacionados, quase sempre, a algum tipo de valor cultural: quadros, esculturas, por um lado; conhecimento, viagens e experiências, de outro.

---

<sup>57</sup> Não houve retorno do profissional à tentativa de contato estabelecida para que se buscasse conhecer a motivação que o levou a utilizar este recurso.

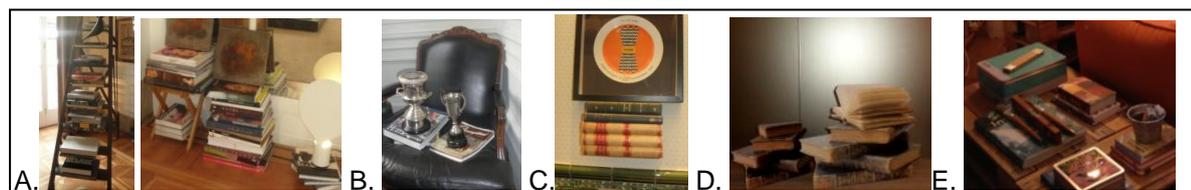


Figura 55 – Casa Cor Rio: novas funcionalidades para o objeto  
A. Living; B. Suíte do casal; C. Cozinha gourmet; D. Cocktail L. Bar (2011); E. Sala Interativa



Figura 56 – Curiosidades estéticas no Casa Cor Rio 2012:  
A. Sala de jogos; B. Lounge do Hotel (Casa Cor 2012)



Figura 57 – Complementaridade do livro no Casa Cor Rio: A. Apartamento Carioca; B. Relax Room; C. Apartamento dos filhos; D. Business Center; E. Hostel Boutique; F. Quarto sustentável da moça; G. Loft + Rio; H. Estúdio do Marchand.

Além das lombadas falsas e dos adesivos - ocorrências observadas a partir dos acessos a blogs e sites decorativos -, e das capas pardas, brancas, coloridas e neutras (revestidas de papel ou tecido), foram detectadas, durante a mostra de 2012, outras duas relevantes adequações estéticas do objeto: as edições encapadas por capas tradicionais e os quadros de livros. A ação de envolver exemplares com capas tradicionais – com título e autores grifados - envolve questões práticas de conservação dos exemplares já muito danificados pelo tempo e manuseio; compreende questões estéticas como as de padronização dos ambientes, à semelhança do que ocorre via capas revestidas de papel ou tecido; e ainda envolve questões estético-morais, a partir da apropriação de sua estética na atribuição de valor à imagem do sujeito, por usurpação, blefe e falsificação. Em contrapartida, os quadros de livros, assim como os adesivos, representam, sobretudo, apropriações bastante contemporâneas do objeto, calcadas principalmente na adoção do elemento pela estética, destituídas da pretensão de apropriar-se de

quaisquer valores intelectuais envolvidos – em contraste às falsas lombadas e aos livros a metro linear -, compondo uma relação mais livre esteticamente. O espaço *Business Center*, da *Casa Cor Rio 2012*, constituiu a principal fonte para o desenvolvimento destas observações, uma vez que contemplava coleções tradicionalmente encapadas de Monteiro Lobato e Luís Fernando Veríssimo, e exibia quadros de livros nas paredes, produzindo, no conjunto das atuações, uma valorização explícita do objeto cultural em espaços tão contemporâneos (FIG. 58). Joana K. arrisca proposições acerca das intenções das arquitetas na projeção do referido ambiente:

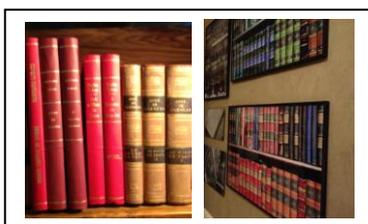


FIG. 58 – O toque clássico do livro: capas tradicionais e quadros de livros

O quadro deve ser para não ficar colocando um bando de livro, por se tratar de um lobby de hotel, que não tem um monte de livro e não tem história. O livro traz uma coisa bacana, que é essa coisa intimista, mas não é realidade - como era antigamente - ter uma biblioteca enorme num lobby de hotel. Não precisa entulhar de livro, pra ficar aquele negócio empoeirado, que não é prático. Num lobby de hotel, tem que usar também uma coisa clássica [livros clássicos], porque é o máximo que você encontraria, não vai botar uma coisa super nova. As arquitetas tiraram partido da padronização das capas [tradicionais], de uma mesma coleção, e aí também vai pra essa coisa meio clássica a padronização das capas, a literatura clássica, então combinou tudo. A foto de livro não é uma coisa que você vai pegar e vai ler, mas vai dar aquela sensação que a arquiteta queria, de livro, de ambiente com livro, de biblioteca, só sensação, é decoração. Livro empoeira tudo, então a foto, pra ter esse *status* que as pessoas querem, talvez seja mais prático, sem virar essa coisa de livro a metro; essa questão da foto é muito melhor e dá um *tchan*, se você quer essa coisa intimista que o livro traz, e traz mesmo, porque não ter várias fotos de livro, isso é bacaníssimo, eu acho isso lindo, é mais contemporâneo. Com a foto, todo mundo sabe que é falso, “gosto é ponto”, melhor do que fingir que você leu aquele bando de livro que você comprou por metro linear. (Adaptação do depoimento de Joana K.).

De todo modo, estamos considerando que as várias e diferentes exposições do livro, nas duas edições do evento, traduzem a representação simbólica do elemento na composição dos espaços, realçam a relevância do livro em uma sociedade carente de leitura, de leitores e de cultura para todos e reafirmam a importância do objeto tanto para a produção da esfera das sensações térmicas e de conforto (“calor”, “aquecimento” e clima intimista), como para a transmissão de

valores como “clássico”, “original” e “tradição”. A partir das observações de campo, avalia-se, portanto, que, além das relações “puras”<sup>58</sup> com o objeto, outras tantas interações coexistem e permeiam os espaços contemporâneos: aquelas referentes a leitores eventuais, marcada por leituras e consultas casuais, quando a quantidade de exemplares é menor, os autores menos “densos” e as leituras menos “profundas”; as interações calcadas nos valores intelectuais do livro para a formação da imagem social; e as relações propriamente estéticas: leituras mais visuais que textuais (livros mais novos), apego ao valor de tradição (edições antigas “revisitadas” por arquitetos e decoradores) ou a simples “representação” material do objeto. A partir da avaliação do campo “oficial” da decoração - que abrange espaços projetados a leitores e não leitores - observa-se que as aparições do livro nos lares contemporâneos não se restringem aos valores de experiência e experimentação, mas também abarcam valores que se associam ao conhecimento, cultura, tradição e estética. Na revista da *Casa Cor Rio* 2012, a publicidade impressa acentua, implicitamente, a inclinação do campo decorativo ao uso do livro e reproduz algumas das diferentes atuações do objeto na composição dos espaços (FIG. 59).

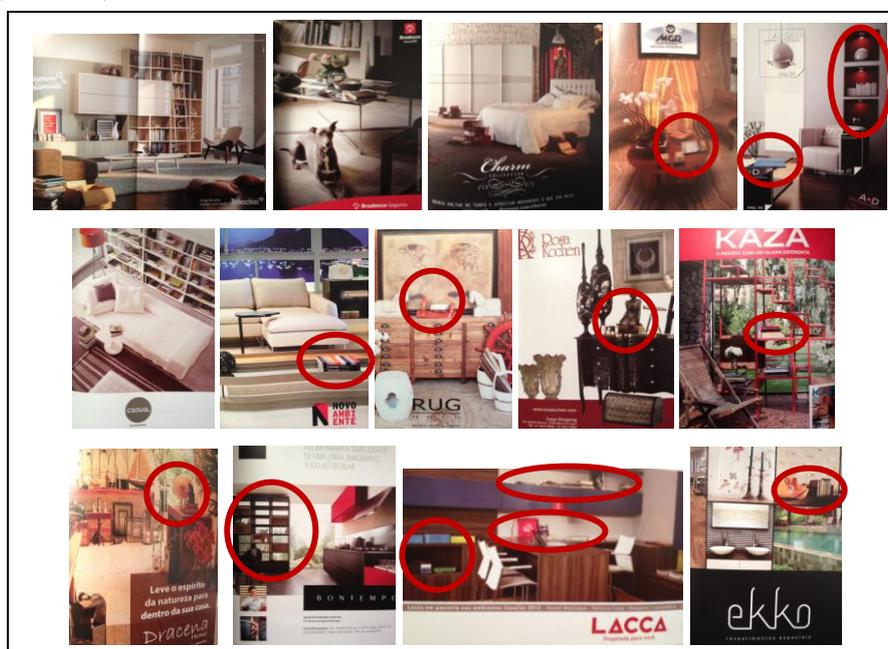


Figura 59 – Evidências do livro como tendência do campo decorativo.

<sup>58</sup> Referência à Giddens (2002), que define as relações puras como aquelas de base contínua, sustentadas pelo amor, pelo comprometimento e pela intimidade; constituintes, sobretudo, do “projeto reflexivo do eu”. (Giddens, 2002, p. 86-94).